

3ª Edição

PAUSA

na rede
2021



Rascunhos

Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas

@casa_clic



Casa-mundo

(im)pressões artísticas em tempos de urgência



Editorial

Organização

Amanda Leite

André Demarchi

Renata Ferreira da Silva

Ricardo Ribeiro Malveira

Suiá Omim

Projeto Gráfico

Amanda Leite

Capa

Amanda Leite

Imagem de capa

Náthali Abatti (PR)

Colagem Casa-Mundo

Amanda Leite

RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703

Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021

DOI: 10.14393/issn2358-3703.v8n2a2021-17



@casa_clic



Curadoria

Alik Wunder (SP)
Amanda Leite (TO)
Anike Laurita (SP)
Davina Marques (SP)
Edson Meireles (RJ)
Keyna Eleison (RJ)
Leda Guimarães (GO)
Maira Zenun (Portugal)
Patricia Mont Mor (RJ)
Renata Ferreira da Silva (TO)
Renato Cirino (GO)
Ricardo Ribeiro Malveira (TO)
Roselete Fagundes de Aviz (SC)
Sebastian Wiedemann (Colômbia)
Suia Omim (TO)

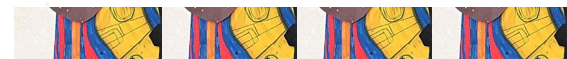


Artista Convidado

J. Borges (PE)



pausa





A *Casa Clic* é um espaço aconchegante de promoção de Arte, Cultura e Educação na cidade de Palmas/TO por meio de micro experiências artísticas. Reunimos artistas, educadores e uma ampla rede de pessoas interessadas em experimentar diferentes eventos artísticos projetados do nosso quintal para o mundo, num clima bastante artesanal. A casa foi inaugurada em junho de 2019 pelas pesquisadoras e artistas Renata Ferreira e Amanda Leite, na intenção de ativar um espaço de acolhimento e convivência artística, que valorize a experiência e os saberes dos participantes e artistas convidados. O clima inspirador da casa permite que cursos, oficinas, estudos e saraus aconteçam em meio a fotografias, poesias, frases, sons de sino dos ventos presentes na sala, no ateliê, na cozinha e nos jardins. Temos também uma biblioteca à disposição dos participantes e dos ativadores de cada proposta. Estar à vontade em casa favorece o convívio, a expressão e o pensamento artístico que potencializa um espaço de acontecimento, troca e invenção de modos de existência. A Casa Clic não tem fins lucrativos, as ações são mantidas pelas inscrições de cada proposta, cujo custo é revertido para a manutenção da própria casa e dos eventos artísticos. O projeto Casa Clic é uma iniciativa de criação de redes de produção artística independente para fomentar a produção cultural e o encontro de pessoas interessadas em arte na cidade de Palmas/TO, iniciativa ligada a área de atuação profissional das idealizadoras. Adentrar à Casa Clic é abrir passagem para uma convivência alegre, de diálogo e de escuta. Hoje, em decorrência da Covid_19 estamos trabalhando de modo remoto, mas à esperança da vacina para que logo possamos nos encontrar por aqui. Aliás, vamos adorar te receber! Estamos à disposição para outras informações.



artistas

ALAN FUGITO - SP
ALIK WUNDER - SP
ALINE ROCHA - MG
AMANDA LEITE - TO
ANA BEATRIZ NOVAIS - RJ
ANA GABRIELLE C. DE C. CRUZ - AL
ANDRE IANNI - SP
ANGELICA LIMA - TO
ANIKE LAURITA - SP
ARIANE NOGUEIRA - MS
BARBARA LANGONI - MG
BRENDA TAKETA - PA
CAMILA JORGE / EDUARDO AZEVEDO - PR
CAROLINA PEREIRA SOARES - MG
CLARA CRUZ - RJ
CLÉRIO BACK - PR
COLETIVO BARCAS D'ÁGUA - RJ
CRISTIANE GUIMARÃES - SC
CRISTIANE ŽOVIN - SP
DANIELA FRANCO - MG
DANIELA LUCATO - ALEMANHA
DARIANE MATIOL - PR
DAVINA MARQUES - SP
DÉA TRANCOSO - MG
EDINARA PATZ LAFF - RS
EDSON LANDIM - RJ
EDSON MEIRELLES - RJ
EDUARDO SILVEIRA - SC
FATINA CABRAL - SP
CONSUELO DE PAULA - SP
FERNANDA DE OLIVEIRA - PR
FLÁVIA APARECIDA DA SILVA - SP

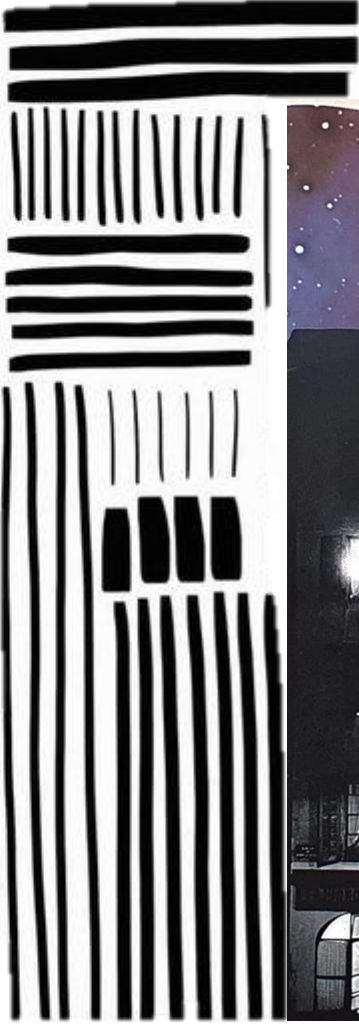
GABRIELA COSTA MARTINS - SC
GABRIELA MATOSO - BA
GESTO: POÉTICAS DA CRIAÇÃO - TO
GEYSLANY RIBERO - TO
GIZELE CRISTINA CARNEIRO - PR
GRAZI NERVEGNA - SP
GRUPO CIRANDELA - SC
GUILHERME B. MASCARENHAS - MG
GUSTAVO F. MOREIRA DA SILVA - MG
HANNA G. DA COSTA - RENNA - PE
HIRAETH - RS
ISABELA CUNHA - PR
IVETE DA SILVA - RR
JEFFERSON ZAPPA - SP
JULIA ANASTACIA SILVA - BA
JULIA BASTOS - SP
JULIA MAZZONI A. SANT'ANNA - DF
JULIANA MEDEIROS - SP
KIAN SHEIKZEIDEN - BA
LAIS EFSATHIADIS - SP
LAÍS PEREIRA - RJ
LAURA FREITAS - RJ
LAURA VALENTE - SP
LAYANE PEREIRA PAVÃO - TO
LEDA GUIMARÃES - GO
LEON FARHI NETO - TO
LIA TESTA - TO
LIU MOREIRA - TO
LUCAS NASCIMENTO - BA
LUIS SÓ - SP
LUIZA FONSECA DE SOUZA - RN
LYZ VEDRA F. DE OLIVEIRA - CE

MAGDA SHEENY - RJ
MAIRA ZENUN - PORTUGAL
MALU TEODORO - MG
MARCELA FERROS ARTUSI/HANNA PEREZ - PORTUGAL
MARIAN KOSHIBA - SP
MAURICIO IGOR DE ALMEIDA - PA
MONICA LÓS - EUA
MONIQUE BURIGO MARIN - SC
MONISE SERPA - RS
NATHALI ABATTI - PR
NAYARA LEITE - MG
NICOLE LEITE - SC
ODETTE BOUDET - PORTUGAL
PALOMA LUDIEÑA - ARGENTINA
PAOLA ZORDAN - RS
PAULO FERNANDO PIRES - RS
PEDRO GOTTARDI - SC
RAFAEL DOS SANTOS - SP
RAQUEL GANDRA - RJ
ROSELETE FAGUNDES DE AVIZ - SC
SEBASTIAN WIEDEMANN - COLÔMBIA
SILVINA BAZ - ARGENTINA
SOCORRO SOUZA - CE
SONIA DESTRI LIE - RJ
TIAGO MARTINS DE MORAIS - RS
VICTÓRIA ANDRADE - SP
VITÓRIA VERRI - PR
WERVERTON DA S. SANTOS - PE
WINTON DE OLIVEIRA - SP
YOHANA OIZUMI - SP





PAUSA



Alô! Alô!

Passo aqui para informar que está no ar a terceira edição de "Pausa na rede", que tem como título "Casa-mundo (im)pressões artísticas em tempos de urgência". Como nas duas edições anteriores, a revista está linda e recheada de conteúdos instigantes. A casa é a imagem agora escolhida. Em torno dela, artistas, poetas, professoras e pesquisadoras dos mais diferentes lugares compartilham suas produções de maneira sedutora e extremamente inquietante. Esta edição é do tipo de casa que a gente para na frente e tem vontade de entrar. Uma casa é mundo, comporta um mundo de gente, bichos e coisas. Mas uma casa faz também mundo ao conectar vidas, alinhando-as em um tempo e espaço comuns. Por mais precária que pareça, uma casa é sempre uma casa para alguém. Em uma casa segredos são espiados, multiplicam-se sonhos, perpetua-se o cotidiano. Uma casa pode ser o lugar de acolhida como também de sofrimento. Quantas vidas sofrem em silêncio por entre paredes de uma casa? Casa é coisa de dentro e de fora. Tem gente que diz que casa é para entrar. Outras acham que é para sair. Há uma expressão da minha terra que gosto muito: *essa menina é uma casa cheia*. Uma casa pode ser cheia por diversos motivos: cheia de gente, cheia de vida, cheia de tédio, cheia de não ditos, cheia de amores. O certo é que uma casa é como a gente, não é? Adoro o verbo *aprochegar* pois nele há dois outros verbos que me são muito caros: aproximar e chegar. Acho que é isso que as organizadoras Amanda, André, Renata, Ricardo e Suiá estão fazendo conosco. Um convite para nos aproximarmos a essa acolhedora casa chamada "Pausa na rede", para que, com muita arte, possamos enfrentar os dias difíceis e a escassez de imaginação política que nos assombra. Em breve haveremos de estar todas juntas, ao redor de uma rede ou de uma fogueira, para cantarmos o fim de tempos tão tenebrosos. Eu aposto nisso. Se você também aposta, vem comigo que garanto que tem um monte de gente nessa. Se por acaso você se sentir solitária nessa luta é só olhar para a lista de autores desta edição. #tamojuntas

Prefácio

Luciano Bedin da Costa (RS) 

@lucianobedindacosta

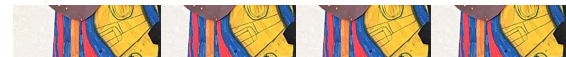
Organização
Amanda Leite
André Demarchi
Renata Ferreira
Ricardo Malveira
Suiá Omim

A revista Pausa na Rede chega à sua 3ª edição e mantém o espaço virtual da diversidade de olhares e impressões artísticas sobre tempos de urgência. Os tempos ainda são de pandemia de Covid-19 e seus desafios. O desejo continua sendo atualizar o exercício criativo de desvelar narrativas poéticas sobre este período sem precedentes. Na virtualidade viral as Artes reforçam possibilidades moventes de promover simbioses de atravessamentos, reflexões e experiências sensíveis indispensáveis à humanidade. Um mundo de telas ampliou a nossa percepção da presença. Convidamos você a adentrar às dimensões da **Casa-mundo: (im) pressões artísticas em tempos de urgência**, atento ao movimento poético individual de cada obra selecionada, bem como ao movimento narrativo coletivo nas redes intertextuais da revista. Os trabalhos selecionados tangenciam o cotidiano e promovem fricções através do diálogo em diferentes linguagens como: bordado, escultura, dança, pintura, poesia, colagem, desenho, cena, música, texto, arte digital, fotografia e audiovisual. As subjetividades resistem no ciclo do tocar, sentir e estar que transborda nas obras através dos lugares habitados, corpos isolados, relação de presença e ausência que potencializam medos, alegrias, saudades, desconfortos, lembranças, ansiedades, sonhos, materialidades e desejos. As obras operam como sinais dos tempos e criam na revista uma dinâmica potente de diálogo aberto entre os curadores, produtores, artistas e leitores da Pausa na Rede. A revista abre janelas para cotidianos oníricos, para as dimensões do efêmero e da finitude da qual fazemos parte.

Boa leitura!



pausa





J Borges (PE) 🇧🇷
@memorialjborges
xilogravura



Clerio Back (PR) 🇧🇷
Audiovisual
@clerioback




Andre Ianni (SP) 🇧🇷
Performance
@andreianni_oficial



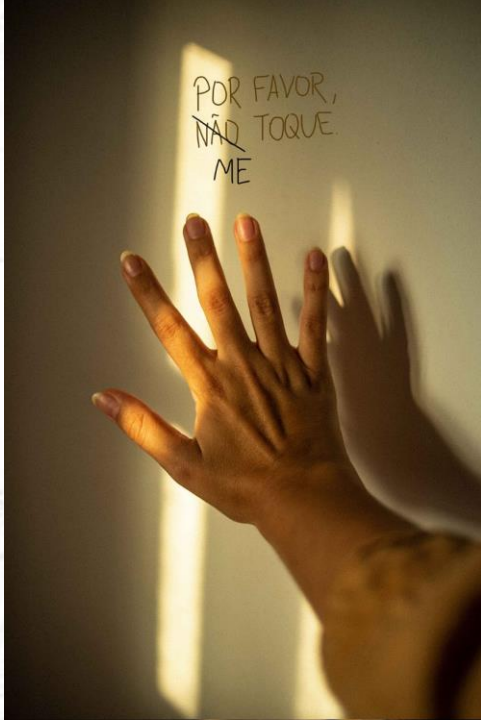
Gabi Coêlho (AL) 🇧🇷
Fotografia
@gabi_experimental



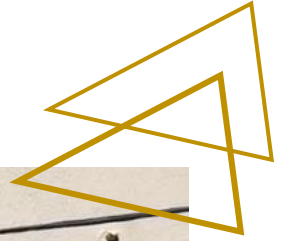
Grupo Cirandela (SC) 

Videoclipe

@grupocirandela




Ana Bia Novais (RJ) 
Fotografia/Arte Digital
@abnovais




Camila Jorge (PR) 🇧🇷
Eduardo Azevedo (PR) 🇧🇷
Videoarte
camilakj@gmail.com

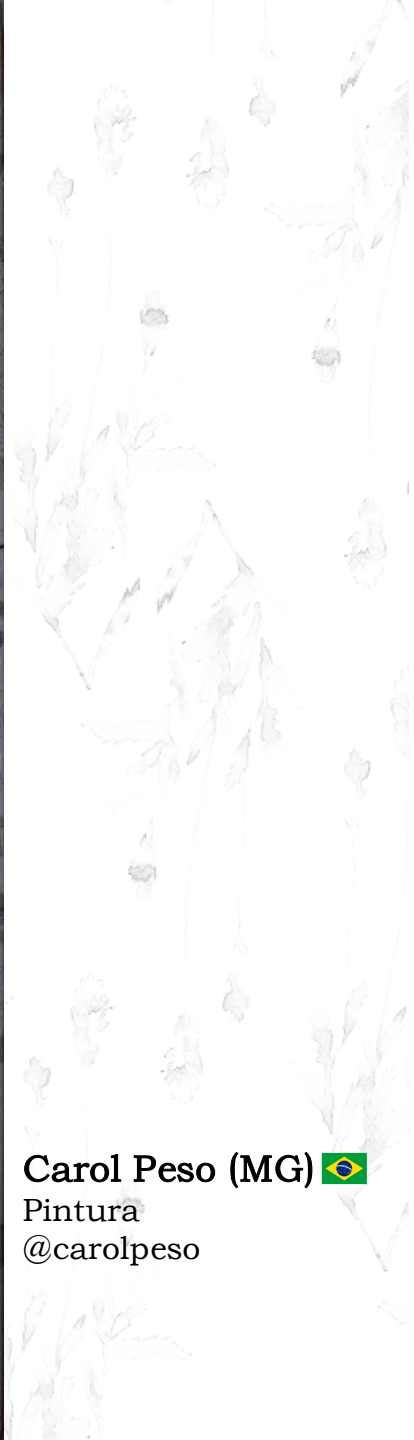


Gabawan (SC) 
@gabawan
Pintura

RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703 - Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021



Carol Peso (MG) 
Pintura
@carolpeso





Wilton Oliveira (SP) 🇧🇷

@menincharcoal

Desenho



Desço as escadas e reparo o horário, pois a depender dele é possível reconhecer qual luz revela ou mantém na penumbra o móvel fantasmagórico situado no fundo do corredor do primeiro andar. A área em que ele se encontra foi gradeada como pertencente aos dois apartamentos cujas portas fechadas se encaram gravemente, num pequeno exemplo condominial de cercamento das áreas comuns, lógica que se estende pelas fronteiras além. A contar do térreo, moro no terceiro andar mas o número do apartamento que eu habito junto com meu namorado e algumas plantas mais ou menos dispostas começa com dois. Nossos dias têm parecido um contínuo de tempo de um ano que apenas começou enquanto notícias, feriados, calamidades, afazeres e aniversários se repetem pelo segundo. Ao percorrer os andares me deparo com paredes encardidas, lâmpadas apagadas e sacos de lixo que outros moradores deixam em seus capachos, incapazes de depositar em camburões de ferro localizados na lateral do prédio, por si mesmos inadequados para a função. -"que porcos", maldigo a espera de quem venha limpar a sujeira alheia, essa indisposição à vida em coletividade. Ao sair pela porta do térreo, persigo feixes de luz solar que me aqueçam por alguns segundos a pele antes de entrar no vão sombreado da garagem, onde uma pequena obra reduziu as goteiras das quais antes eu precisava desviar. Deposito o saco de lixo bem amarrado no recipiente que estiver mais incompleto. Quando chove, verifico antes se há água contida neles e escolho o menos afetado. No retorno, olho em direção à avenida um tanto distante e aceno ao porteiro ou à porteira, a depender da escala que pouco entendo e da direção de seus olhares. Respondo ao cumprimento de alguém que transita no mesmo instante pela grande lateral que une os vários blocos. Pelo uniforme, desconfio que uma das passantes é aeromoça ou trabalha numa empresa de aviação. Miro o canteiro das plantas e o pinheiro cortado ao meio que agora se regenera, como têm crescido indiferentes ao tempo. Subo as escadas, nalgumas vezes encontro com a moradora que fala sozinha, forjando vozes diferentes em diálogos aparentemente banais, às vezes tensos. Entro em casa. Lavo as mãos, tiro a máscara, limpo e verifico o celular. Ainda não deu, talvez no fim da tarde a luz facilite a captura do móvel no corredor.

Brenda Taketa (PA) 🇧🇷

Escrita Poética

@brendataketa

Pense; por isso você existe. O Homem é um Universo, a pele é um invólucro que contém a mente como uma casca, servindo de membrana para os movimentos do interior e exterior - dentro, o Pensamento, Lar da Consciência, fortaleza para mundos internos infinitos, que dobram o tempo e o espaço. Fora, a casa, que mimetiza, que se torna um reflexo do indivíduo, reverberando a vida que fervilha e povoa a corpo, repercutindo ecos e rastros no Ser e no Outro.

Clara Cruz (RJ) 🇧🇷

Pintura

@clara.nca



1248 horas de confinamento em 59 metros quadrados de um apartamento de dois quartos. Vamos escutar um vinil no estúdio de fotografia? 270 minutos com Caetano, Gil, Maria Bethânia, Marisa Monte, Mutantes, Rita Lee, Baby do Brasil. Um hiato pandêmico. Céu nublado. Calor. Danças e risadas na laje seguidas de mais 192 horas entre o sofá da sala e a varanda com os vasilhinhos de planta e ninhos de rolinhas. Vamos pro estúdio? Fotografar é uma integração musical. 180 minutos com U2, Rolling Stones, Radiohead, Red hot Chili Peppers, The Doors, Cake, Lou Reed, Janis Joplin, Jimi Hendrix. Escolher cada um, tirar da capa, ler o encarte, colocar no toca-disco, virar o lado, cantar junto, fechar os olhos, conversar sobre as músicas. Sabe esse móvel de madeira com os discos? Hummm. Meu pai que fez comigo. Uma lembrança viva dele seguida de 11 dias no apartamento com caixinha JBL e som de playlists via Spotify. Zero trampo. Vou ver se a proprietária abaixa o aluguel. Não. Não abaixa. Vou ter que entregar o estúdio. Vem morar aqui. Trás umas coisas. Outros 48 dias entre caixas, corres e máscaras. O móvel de madeira, os discos, o toca-discos gradiente garrard e o receiver mudaram para a sala, em frente à mesa de jantar. Agora todo dia tinha um vinil para escutar. Uma história para acompanhar. Liga o neon LOVE. Apaga a luz. Quero um daqueles globos de boate. Sabe, para mim a fotografia e a música permitem tangenciar o sensível, o singular, o único. Sim. Isso. Tantos discos novos para a coleção. Está virando especialista, hein! Estudando para a live. Discos raros. Capas polêmicas. Olha essa ilustração aqui. Nos stories do Instagram mostro o disco rodando, trequinho da música e a capa. Olhar a capa do vinil tal qual se frui uma obra de arte. Em êxtase. Viu de quem é a fotografia desse aqui? Não. Nossa! Por que não pensa em fazer um museu? Virtual. Tantos discos. Você está pesquisando tanto. Ah? Viu os discos que foram censurados na ditadura militar? Está estudando as capas? Tem pouca coisa escrita. Tudo muito espalhado em blogs e em grupos de whats, de colecionadores. Um universo à parte. Sabe quanto tá o disco da Maria Rita? R\$2.500,00. Rssrrsr. O da Letrux esgotou. Saiu e esgotou. Da Tulipa Ruiz também. Galera fissurada no vinil. Então... por que não pensa em fazer um projeto? Do disco de vinil? De montar um museu virtual? Ah? É! Uai. Está pesquisando tanto. A gente escreve. Vamos promover a memória coletiva do patrimônio cultural imaterial brasileiro através da produção do Museu Virtual do Disco de Vinil! Hum? Que tal? Olhos arregalados. Brilhantes. Quero. Sim. Vamos democratizar o conhecimento sobre a história da música brasileira e dos discos de vinil. Fazer filmetes sobre as capas dos discos. Entrevistar artistas, fotógrafos/as, ilustradores/as e colecionadores/as de discos de vinil. Põe a Elza para a gente comemorar. Quase completou a discografia dela, né? Um museu virtual que mescla pesquisa documental, cultura e arte, para todos. Um museu que desperte paixão. Paixão pela música brasileira, pela nossa história, e pelos artistas do nosso país. Curtiu? Muito. Vamos chamar o Lu, o Fábio, o Carlinhos? Pensar num grande evento. Um dia do disco. Após 1.440 horas de conversas, escritas, orçamentos, ideias e alegria, eis o projeto do Museu Virtual do Disco de Vinil. Tá feliz? Nossa... que legal isso. A gente fez. Sim. Vamos levar o toca disco novo para o outro apartamento? Fazer lá a secretaria do museu? Por tudo na estante branca. Nesse tempo a coleção triplicou, né? Tem os discos do Glênio... mais 133. E os que a Renata trouxe, da casa dos pais dela. 561.600 minutos covidianos. A estante está lotada. Daqui a pouco... as luzinhas de led... não vai dar nem para ver. Quero escutar Criolo. Espiral de ilusão. Dona Onete. Emicida. Comprei esse outro aqui para o museu. Chegou hoje. Angelus do Milton Nascimento. O primeiro disco dos novos bahianos. Bem-vinda amizade do Jorge Ben Jor. O disco da Bebel Gilberto. Agora. Amanhã vamos fotografar a coleção? Tá bom. Está falando com outro vendedor? Conheceu agora? Quer comer a torta de palmito do almoço ou pedir um hambúrguer? Tem vegetariano. Héctor também prefere a torta. Amanhã a gente pode pedir? Pode. Gostei do disco dele. Não ouvi não mas está zerinho.



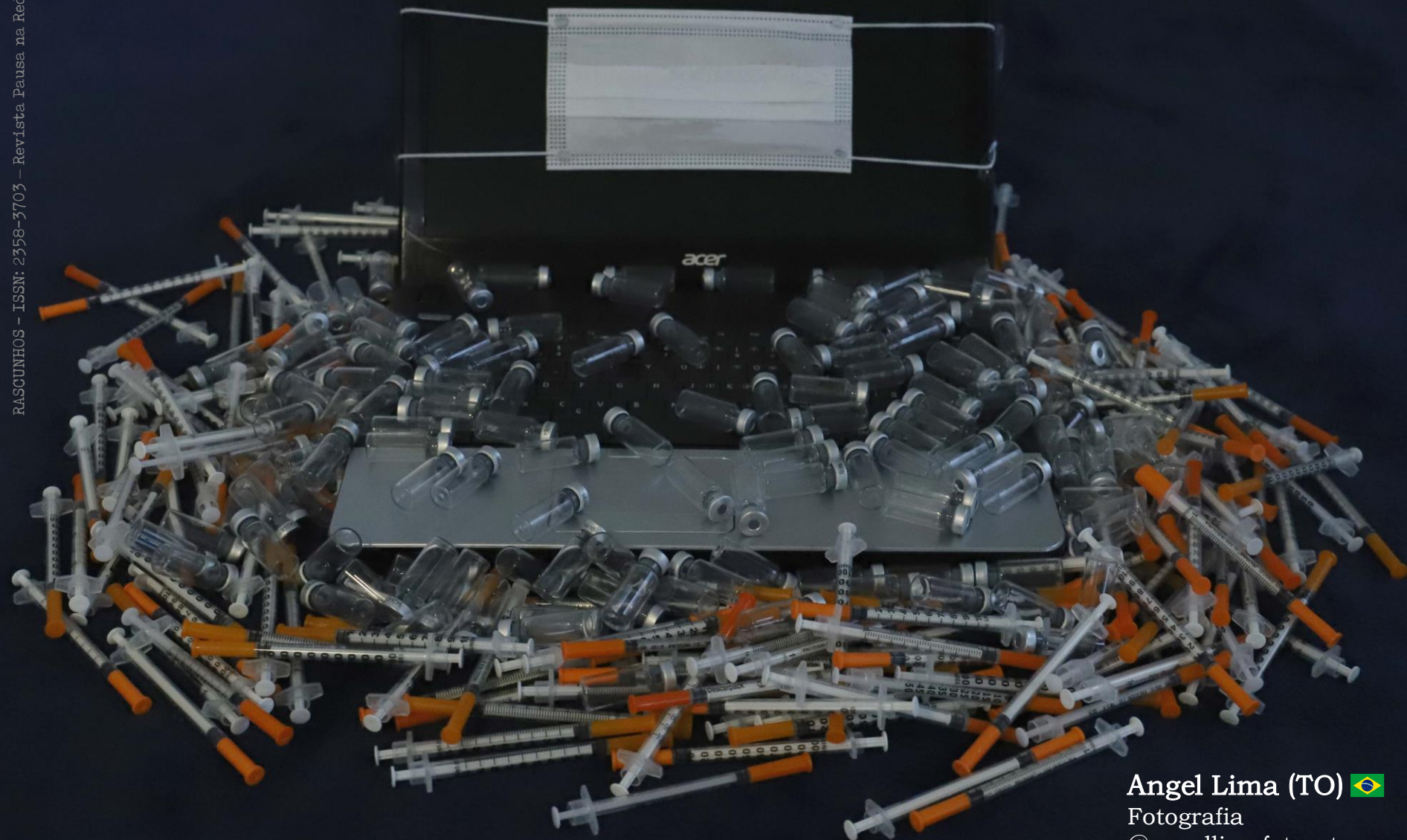
Daniela Carvalho (MG) 🇧🇷

@aurabordeaux

Beto Oliveira (MG) 🇧🇷

@betoclick

Escrita poética



No início da pandemia, em abril de 2020, nos primeiros dias da quarentena, minha atenção foi direcionada a olhar com mais atenção pela janela. E desta observação encontrei este muro cheio de detalhes e histórias.

Alan Fugito (SP) 🇧🇷

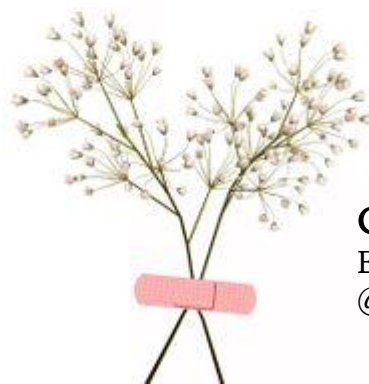
Fotografia
@alanfujito



Verbos da quarentena

Presenteabismo: infinitivos

borrar linhas
escrever imagens
tingir as águas
ouvir a raiz do garapuvu
catalogar vidas
conversar com os animais
biografar as notas musicais
ficcinar as dores
poetizar os caminhos
musicar os quilombos
rasgar o medo ao meio
implodir arquivos
habitar janelas
fazer amor com o vento
povoar os quintais
mastigar amoras e cebolas roxas
contrabandear mudas de arruda e alecrim
abismar o amanhã
inventar metáforas
para respirar o ar
e o silêncio
no agora:
entre uma palavra e o
despalavrar.



Cristiane Guimarães (SC) 
Escrita poética
@poeticasdauidanaescola



Hiraeth (RS) 🇧🇷
Videoarte
@ex_ther

A casa que eu habito

Minha casa
Meu reduto
Meu suspiro se adentro
Quando saio, um calvário
A casa-universo
Me acolhe
Me protege
Minha casa, meu consolo
Meu mundo que não adocece
Minha casa
Fortaleza
Castelo de um clã
Suas paredes têm histórias
Alguns lutos, lutas e muitas memórias
Esta casa que me abraça
Tem agora mais janelas (mundo-tela?)
Não se trata de predicado
Minha casa virou cela.

Cristiane Zovin (SP) 

Escrita poética

@banicincris

Edson Landim (RJ) 

Pintura/técnica mista

@edson_landim




deus solto, miêtsche morto, volê vivo



Luís Só (SP) 🇧🇷
@bancodossonhos
Colagem

eu só

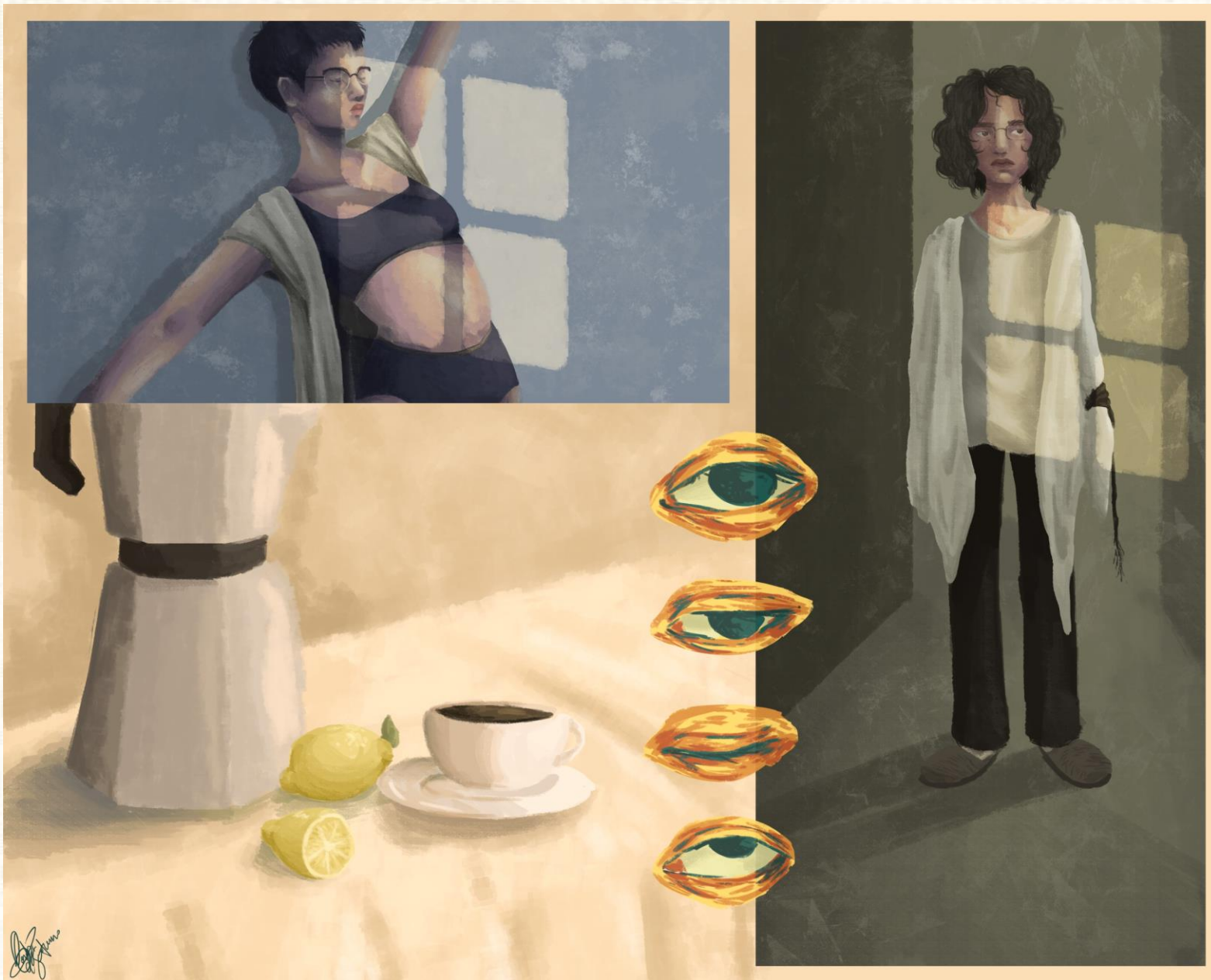


Daniela Lucato (Alemanha) 
@daniela.lucato
Video Art

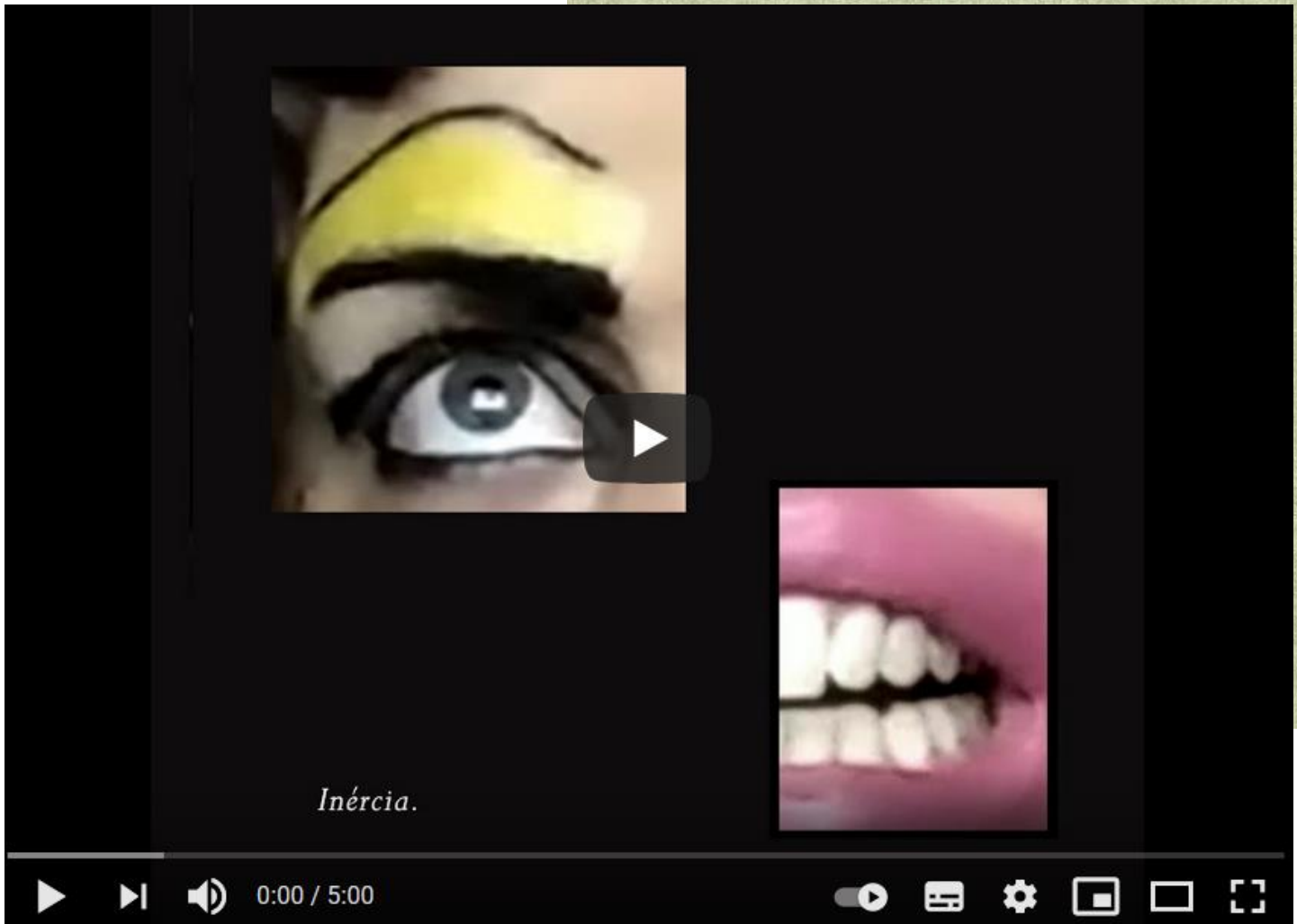


Laura Freitas (RJ) 🇧🇷
@freitaslaurart
Fotografia digital

Foi naquele dia que tudo começou, lembra? A gente aqui presa e isolada do resto do mundo - em casa. Foi quando eu e ela nos olhamos, a parede ali na minha frente quase nua, seu manto já frágil, a ponto de romper. Me deixei levar por seu olhar e a deixei completamente nua. Bem de perto pude ver o percurso das faltas, dos vazios, frutos da vida e da violência que nos permeia. A parede da casa guarda memórias cujos meus dedos percorrem preenchendo os buracos com tecido untado pela matéria de origem e, num exercício de insistência, sigo costurando as fendas num desejo, mesmo que em vão, de não perecimento. "Costurar fendas de outros tempos" é uma obra que venho desenvolvendo numa das paredes da minha casa. Comecei em julho de 2020 quando, pela necessidade de refazer o reboco por problemas de infiltração, descobri rachaduras. Olhei para as fendas como quem quer reparar algo que precisava de cuidados - suturar o que foi rompido.



Barbara Langoni (MG) 🇧🇷
Arte Digital - @babi.de.saturno



Laís Efstathiadis (SP) 🇧🇷

@la_efs

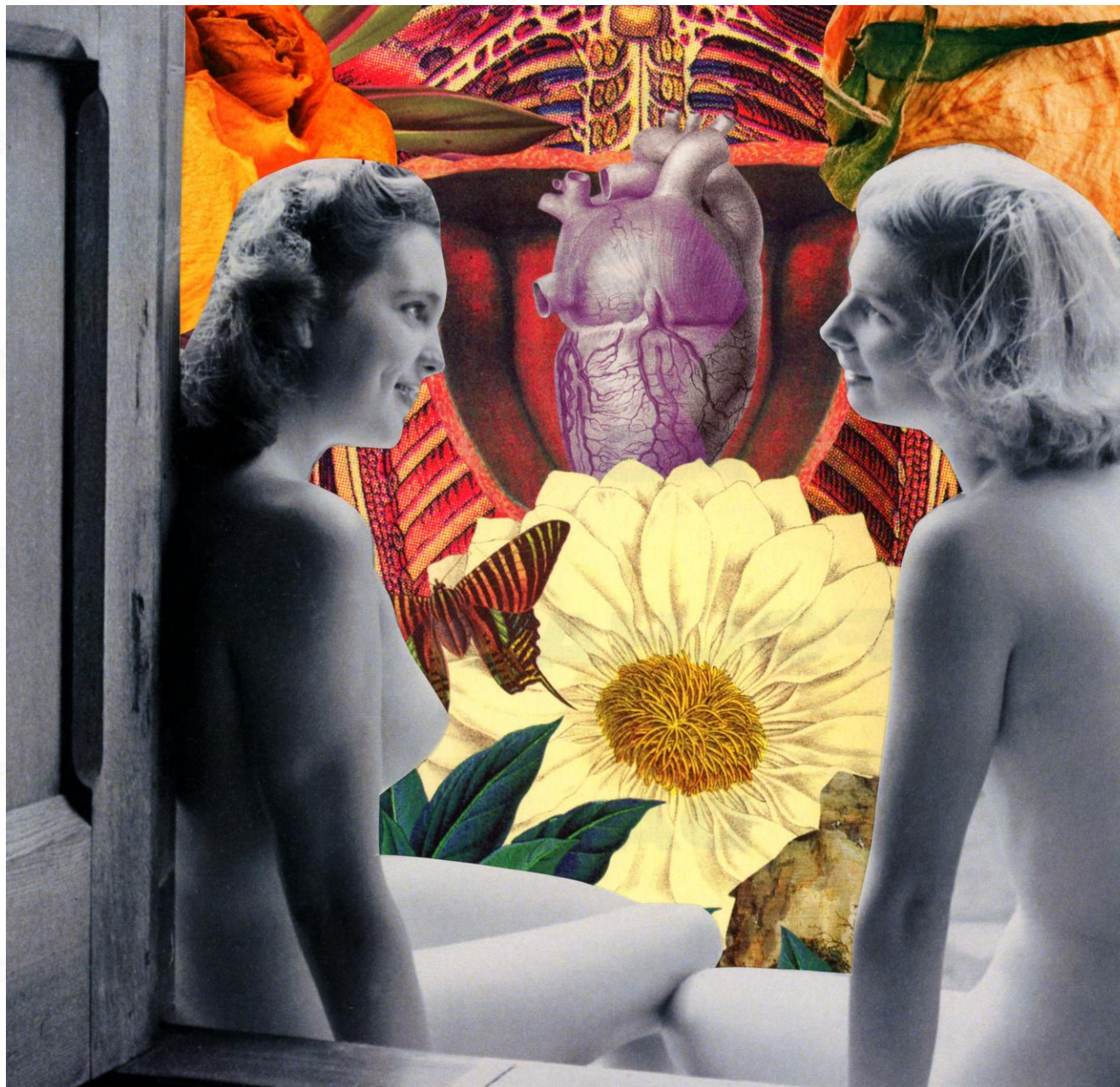
Videoarte



Odette Boudet (Portugal) 

@odetteboudet

Pintura



Lia Testa (TO) 🇧🇷
@liatesta_colagista
Colagem analógica



Luiza Fonseca (RN) 🇧🇷

@luiza_fs

Pintura

a pássara e o exu: um contraconto deleuzeano de fim de faxina

cozinha. belo horizonte. brasil. américa latina.

o exu falou para a pássara:

-bem-te-vi, um dia, vou te enrolar numa folha.

a pássara, muito desconfiada, olhou de soslaio.

o exu, incólume, continuou:

-bem-te-vi, você vai demorar 20 anos para sair da gaiola.

a pássara, muito irônica, apenas sorriu.

o exu, paciente como uma mãe, suspirou delicadamente, e continuou:

-bem-te-vi, vou rodar o dial do rádio e vai tocar a sua música.

estarecida, a pássara parou no ar.

-"quem me dera, ao menos uma vez, as mais belas tribos, dos mais belos índios..."

a pássara piou pela primeira vez:

-legião urbana, exu? não sabia que você gostava de rock!

o exu, com paciência de jó, exclamou:

-bem-te-vi, valeu a pena esse pequeno colóquio chato só para escutar seu trinado! você nasceu para cantar! saia da gaiola! ah! é mesmo! só daqui a 20 anos...

a pássara tapou os ouvidos. não queria ouvir mais nada...

janela 21. saint-jean-pied-de-port . sul da França. europa.

-pássara! seja bem-vinda! enfim, você voou! conte-nos como você chegou até aqui!

-um dia, encontrei uma cápsula de resina de âmbar, numa dobra do tempo. lá dentro, tinha um eu que dizia ter dessubjetivado a consciência. rapidamente, abri sua boca, reutilizei seu pensamento-arte alongado e disparei a cantar e voar!

o exu gargalhou, bateu a mão levemente na perna direita e gritou:

-novo modo volátil! venha tomar um gole de marc! eu vou te enrolar na folha da jurema, como te prometi, e te contar uns segredos..

1. pied-de-port (pé da porta): comuna francesa, nos pireneus, cidade do exu zambarado.
2. bem-te-vi (pitangus sulphuratus): um pássaro que sabe sarar suas próprias feridas; uma subjetividade que eu e o exu zambarado instauramos no meu corpo, durante sete anos de existência compartilhada.
3. marc: cachaça francesa.
4. dessubjetivar a consciência : derreter o sujeito subjetivado pela lógica do império e resubjetivá-lo, desterritorializando-o e dando-lhe inédita fluidez para habitar brechas: estudo da metodologia das sutilezas, conceito autoral que faz uma leitura autóctone da filosofia da diferença, de Gilles Deleuze.
5. operações subjetivas para desativar bombas [da máquina de guerra do império, o capitalismo], é outro conceito autoral, inspirado em leituras do filósofo italiano Giorgio Agamben.

Déa Trancoso (MG) 

deatrancoso_oficial

escrita poético-filosófica






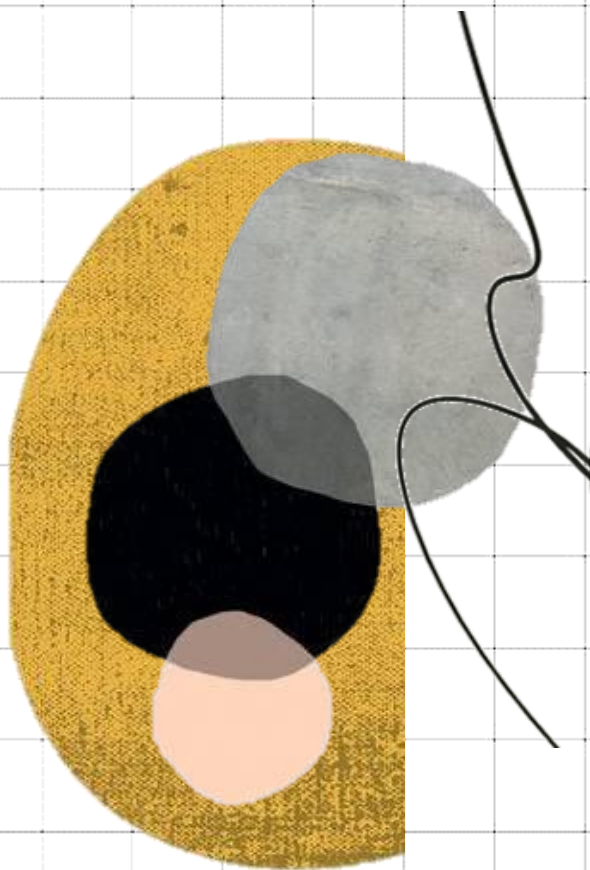
Edinara Patzlaff (RS) 🇧🇷
@edipatzlaff
Videoarte





Quando começou a Pandemia e tivemos que tomar medidas de higiene drásticas, tudo que chegava na minha casa vindo da rua passava pela barreira do álcool, incluindo as notinhas que vinham dentro da bolsa do mercado. Elas desbotavam e criavam um colorido próprio. Comecei a colá-las em diversas superfícies criando uma composição de cores com este material. Neste trabalho elas foram coladas em uma chapa de poliestireno expandido (mais conhecido como isopor). Depois imprimi um pouco de tinta preta para finalizar. No meu fazer sempre está presente o reaproveitamento de materiais descartados ou desprezados.

Magda Sheeny (RJ) 
@sheenymagda
Colagem



Jeferson Zappa (SP) 🇧🇷
@jefersonzappa
Escrita Poética

armadura

armadura te dá um
ar maduro

mas o que cura
é se vestir de verdade
nua e crua

amar dura.

arma dura

arma dura
tanto bate até que
fúria.

Durante meses venho sendo um corpo cercado pelas paredes que me acolhem, pelo teto que me abriga e pelas plantas que me oxigenam o organismo. Venho metamorfoseando-me em rastros móveis de mim mesma e conversando com um espaço-tudo que me contraiu para dentro de um espaço-tempo entre realidades. Em outras palavras, sou convocada a conversar com o espaço que se reconfigura o tempo todo na relação com o meu entorno, dentro de uma rotina insistentemente repetitiva que transforma constantemente a mim e as temporalidades que se constituem nesse terreno fértil. Nesse ambiente que se materializou, não consigo senão me perceber – agora mais do que nunca – imersa nas relações que se estabelecem entre mim e as outras matérias, sejam elas humanas ou não. Entre mim e o meu companheiro, entre mim e tela bidimensional do computador, a caneta, a cama, a cadeira, o guarda-roupas, o ventilador, a porta, o cesto de lixo e o chão. Perceber que me constituo dessas relações junto a eles todos os dias numa conversa sem palavras, numa conversa do movimento e do gesto. Às vezes, me movo pelo cômodo impacientemente procurando ar à medida em que sigo um impulso que surge dentro do peito quando me percebo em estado de pausa contínua. Esse estado me provoca uma sensação de inquietude a ponto de querer me desvencilhar dos limites físicos que me cerceiam e abrir os braços lá fora na rua, como se quisesse engolir tudo, sugar o ar para dentro e preencher todas as cavidades internas, cada espacinho, pois o espaço entre as costelas diminuiu, meus órgãos estão mais próximos do que nunca, minhas pernas: dão passos curtíssimos. Já não ganho mais a amplitude que alcançava ao ar livre, estou sem alcance.

Sinto falta daquela sensação muito concreta de expansão em minha musculatura ao ser esticada num espreguiço espaçoso em ambiente aberto e cheio de plantas, e, com isso conseguir uma oxigenação fresca dos tecidos corporais. Antes, uma prática ao ar livre. Agora, uma coreografia com as paredes e o chão de dois metros e sessenta centímetros quadrados que observam essa dança. Com essas medidas me sinto contraída e pequena. De fato, não preciso andar muitos metros para realizar minhas atividades como estudar ou trabalhar, apenas de micro movimentos e *voilà!* Cheguei, estou micro contraída. Já que não posso sair, tento escrever fazendo com que as partes do corpo, que não habito, se presentifiquem no texto, para que você que chegou até aqui comigo, sintasse-se corpo ao invés de habitar corpo. E que possa perceber-se em relação aos outros corpos-casa-mundos.

Lyz Vedra Freire de Oliveira (CE) 
@lyzvedra
Escrita poética



Flávia Rabachim (SP) 🇧🇷
@flavinharabachim
Audiovisual

Anasyrma é um termo grego que se refere ao ato de levantar as vestes e mostrar desnudados as genitálias femininas. É um gesto relacionado com o exibicionismo sem o intuito de causar excitação sexual, mas só em chocar o espectador. Um gesto antigo e também apotropaico, um ritual mágico destinado a afastar danos ou más influências ou ainda evocar o medo ao inimigo em circunstância de guerra. Trago para os dias atuais de forma simbólica, uma grande vulva representada através da arte têxtil com a intenção de afastar todos os malefícios atuais, inclusive ao aumento de casos relacionados à violência contra a mulher nestes dias de confinamento.

Socorro Souza (CE) 

@socorrosouzaatelier

Arte têxtil





Dariane Martiól de Souza (PR) 🇧🇷

@dmartiol - Fotografia



HTV 2021

Pedro Gottardi (SC) 

@pedrogottardi.art

Técnica: Monotipia.

20 x 14 cm

Tinta tipográfica com azeite de dendê sobre papel, ano: 2021. PEMBA é um giz em formato de bastão grosso e cônico, feito de calcário, elementos mágicos e ervas. Pode ter diferentes cores. Uma ferramenta para a escrita de uma grafia sagrada, usada em rituais de religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé. Nessa grafia observamos diferentes signos, que podem vir a compor um conjunto de linhas e formas que representam divindades, ritos, pontos de entidades, falanges de guias espirituais. Em minhas palavras: Estou suspenso. Minha existência transita entre realidades mágicas do acontecimento da vida. Risco o ponto, rezo, convido Exu a poetizar comigo. Nesse transe, meu corpo toma forma e acontece por estados de consciência alterada. Uma nova dimensão se justapõem ao meu corpo, que atravessa o tempo e espaço para transformar o acontecimento em materialidade visível e palpável. Vem de dentro para fora, o que de fora veio para dentro. E assim a consequência da energia de Exu se manifesta por meio pictórico.



Gustavo Koncht (MG) 

@gustavokoncht

Audiovisual

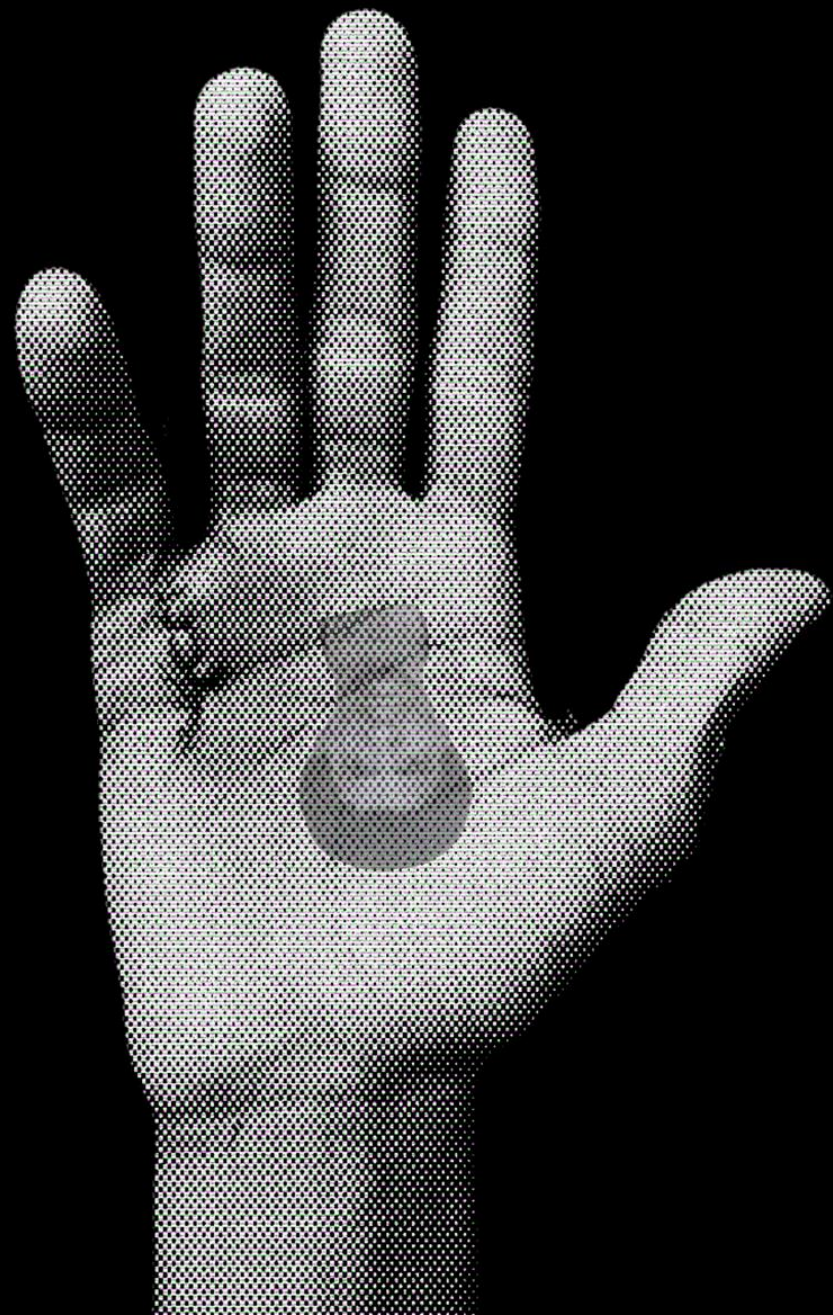


Renna (PE) 🇧🇷
@costadarena
Videoarte

tudo é linguagem,
ademais, sou
atravessado por um
momento que
conheço a besta
que a sociedade
brasileira cria em
cada homem preto
e violo a minha
própria vaidade

Lucas Nascimento (BA) 

@eumesmalucas
Colagem Digital

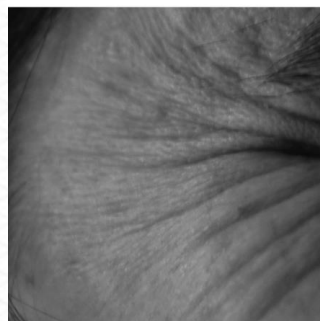
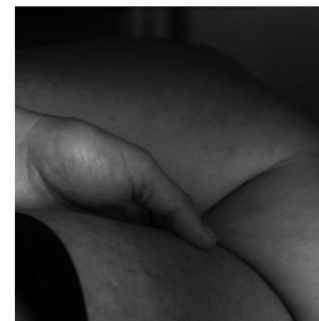
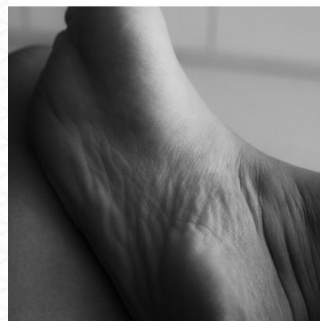
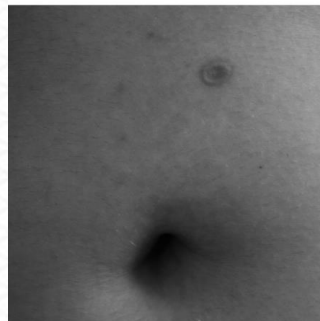
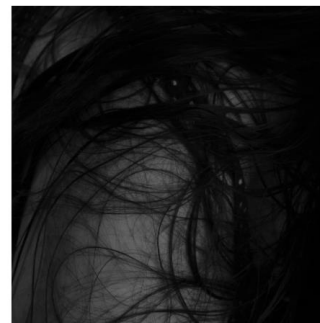
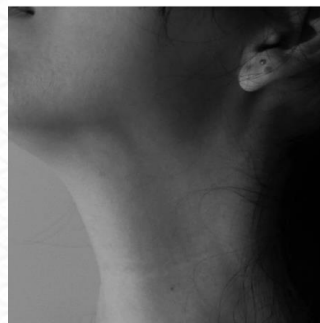


'Linhagens' foi criada durante o período de isolamento social, em 2020. Consiste em uma série de fotos de três corpos: meu, de minha irmã e de minha mãe. São fragmentos de corpos em seus cotidianos; corpos que são ligados pelo sangue, mas que são construídos individualmente através (e por causa) de suas particularidades. As imagens, não identificadas, misturam-se entre si, apresentando as individualidades e semelhanças entre três corpos de três gerações diferentes. É uma representação intimista de possíveis conexões e desconexões entre esses corpos.


Júlia Mazzoni (DF) 🇧🇷

@mazzonijulia

Fotografia





Gizele Cristiana Carneiro (PR) 

gizele.cristiana1980@gmail.com

Escrita Poética

Da folha à existência

Despertou como se ocupada de um nada, no mesmo momento em que o outono chegava trazendo o vento costumeiro. Talvez o que sentia era o acúmulo dos treze meses de clausura nos quais foi aprendendo, como tantas, a conviver intimamente com o espaço que ganhou como morada. Já sabia de cor das várias imperfeições das paredes brancas. E já tinha estabelecido um acordo com os cupins que chegaram em revoada fazendo do seu teto, abrigo e alimento. Mas, das folhas, só começou a prestar atenção naquela manhã. O olhar perdido entre as muitas construções irregulares que avistava de sua janela foi capturado pelo bailar de uma que se desprendeu ao primeiro convite do vento. Nunca antes havia se apegado aos movimentos espiralados que faziam antes de se deitarem ao chão. Só que a folha que tomou seu olhar, se mostrou decidida a traçar um outro fim: entrou pela ventarola da janela e caiu rente a seus pés. Uma euforia contida se instalou pelo curioso daquele instante. A rota feita para atravessar o estreito do vento lhe parecia impossível. O que esperava aquela folha com tamanho atrevimento? Acreditava ela que ocupando a casa estenderia sua vida por mais uma estação? Lembrou de um texto que falava sobre advogar existências. Sobre dar aos seres mínimos aquilo de que necessitam para vir a ser. Seria isso o que a trouxera? Necessidade de existir? Juntou-a do chão. Com delicados movimentos circulares entre o indicador e o polegar percorreu os poucos centímetros de sua nervura. E foi do toque que lhe veio a revelação: não era a folha, mas ela própria que clamava por existência.

SABOTAGEM

POR ALINE ROCHA

FILMAGEM E EDIÇÃO

THIAGOMENEZES

▶ ◀ 🔊 1:18 / 2:37



Aline Rocha (MG) 🇧🇷

Performance

@alinerochadc



▶ ⏪ 🔊 6:01 / 6:55



Ariane Nogueira (MS) 🇧🇷
Videoarte

Uma bailarina dança. Há leveza em seu corpo. As pernas, entrecruzadas parecem flutuar enquanto seu tronco se faz volume expansivo. A imagem, fruto da união sincrética entre um graveto sem identidade e uma folha de abóbora do quintal, dança em par com um trecho de Emanuele Coccia, no livro "A vida das plantas": "As plantas não são apenas os artesãos mais finos de nosso cosmos, são também a forma de vida que fez do mundo o lugar da figurabilidade infinita".

Eduardo Silveira (SC) 🇧🇷

@senhortoshiaki

Fotografia



Espelho

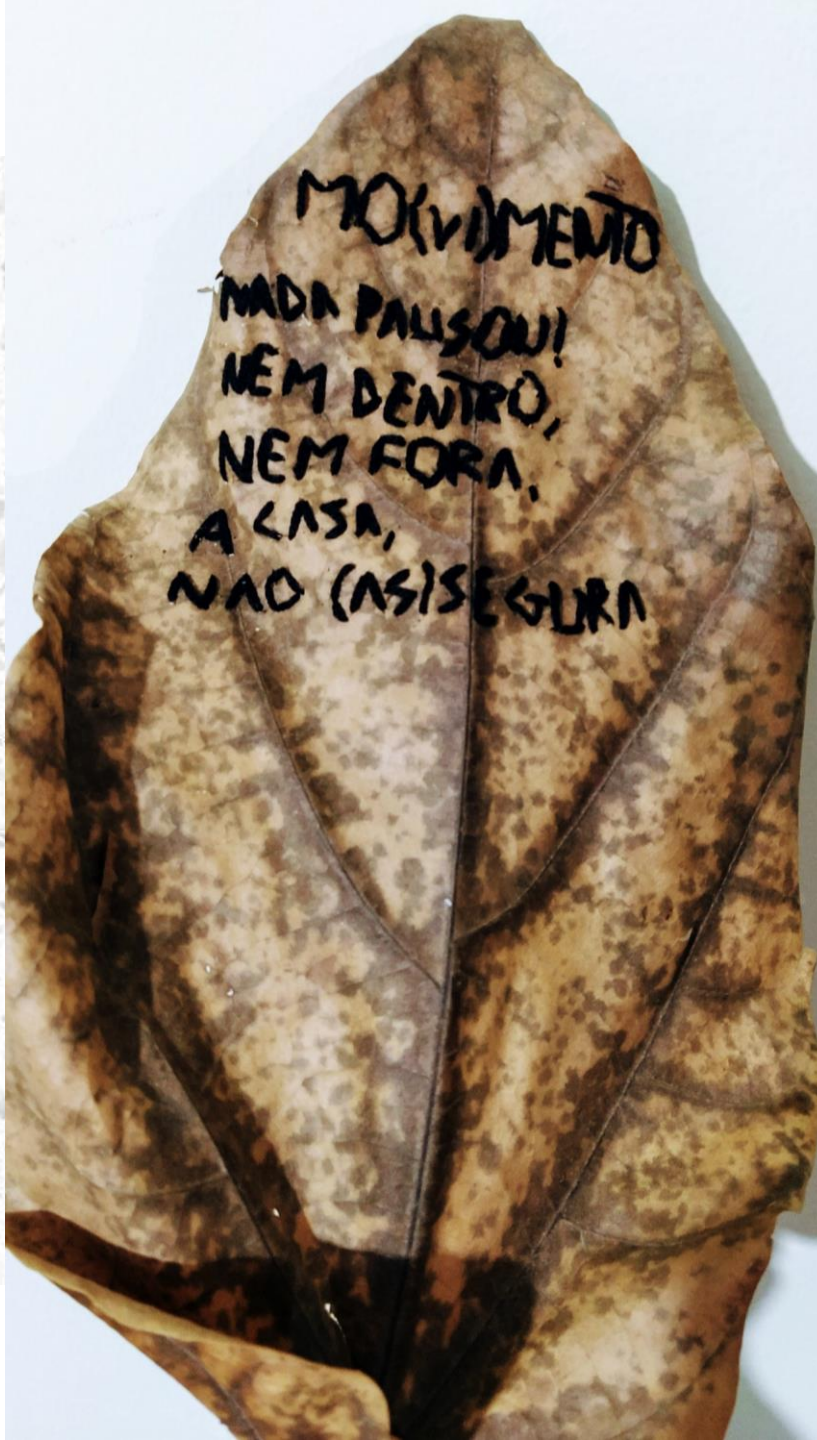
nasce dia, morre dia
e eu aqui tentando me encontrar
entre as louças já lavadas
e as que eu deixei por lavar
amanhã...
amanhã eu lavo o resto
lavo a pia, lavo o chão
a parede, o fogão
a maçaneta da porta
por onde o mundo entra e suja tudo
amanhã eu lavo o mundo
tão imundo
pobre mundo
amanhã...
agora vou cuidar do meu peito
que anda mudo
ou do meu ouvido
que anda surdo
tanto que já não é capaz de ouvir
o peito
talvez ele esteja gritando há muito tempo
talvez tenha gritado tanto, tanto
tanto que me deixou surda
bateu até rachar a porta
e fechei os olhos para não ver
o quanto sinto
e lavo louça, lavo roupa
quebro prato, faço almoço
corto o dedo, mordo a língua
grito, corro, fujo
e me olho no espelho
olho por olho
cílio por cílio
encaro
respiro fundo e pergunto:
o que eu sinto tem lugar no mundo?

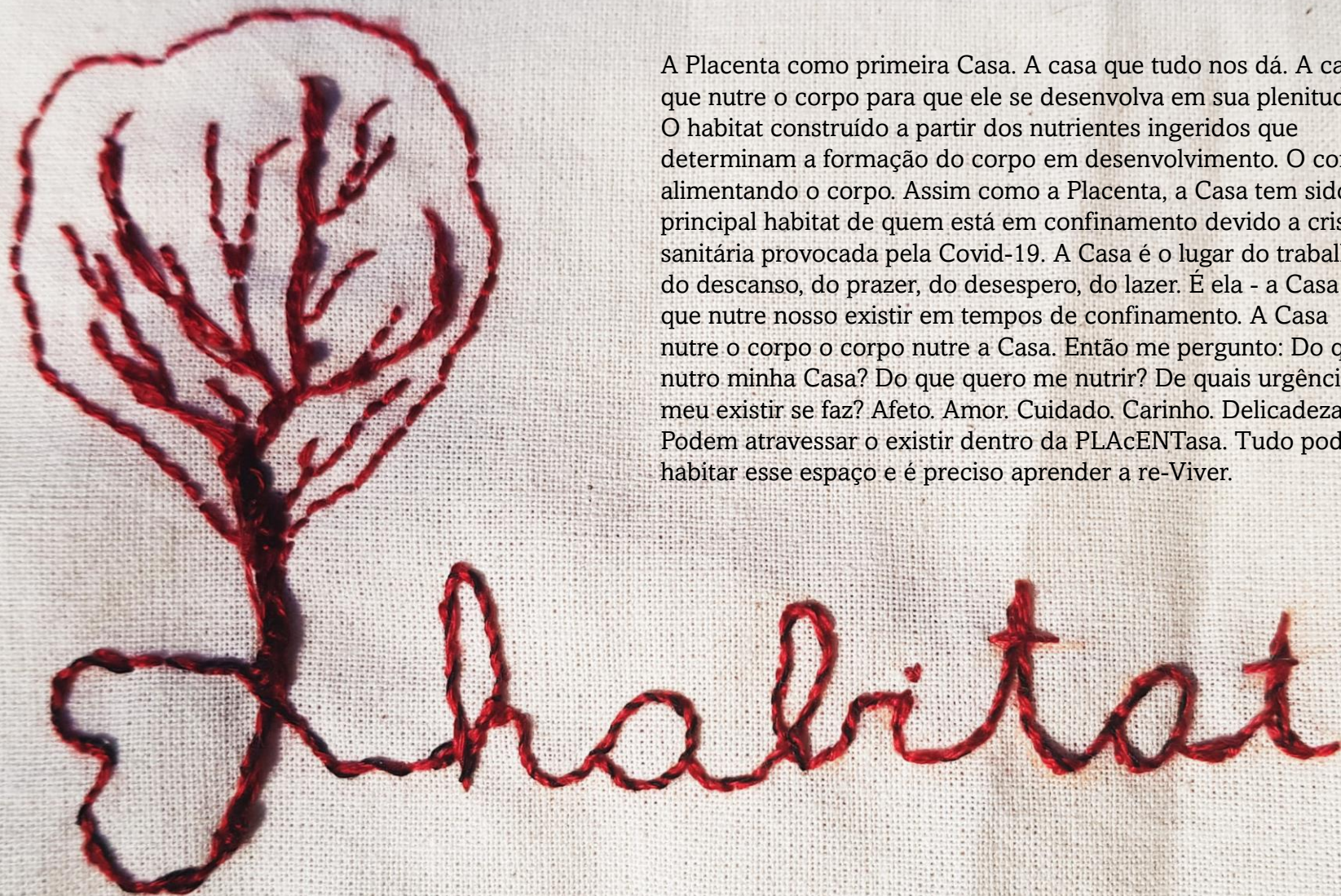
Grazi Nervegna (SP) 

@grazinervegnaoficial

Escrita Poética

Láís de Paula (RJ) 🇧🇷
@lais_soueu
Bordado de escrita poética





A Placenta como primeira Casa. A casa que tudo nos dá. A casa que nutre o corpo para que ele se desenvolva em sua plenitude. O habitat construído a partir dos nutrientes ingeridos que determinam a formação do corpo em desenvolvimento. O corpo alimentando o corpo. Assim como a Placenta, a Casa tem sido o principal habitat de quem está em confinamento devido a crise sanitária provocada pela Covid-19. A Casa é o lugar do trabalho, do descanso, do prazer, do desespero, do lazer. É ela - a Casa - que nutre nosso existir em tempos de confinamento. A Casa nutre o corpo o corpo nutre a Casa. Então me pergunto: Do que nutro minha Casa? Do que quero me nutrir? De quais urgências meu existir se faz? Afeto. Amor. Cuidado. Carinho. Delicadeza. Podem atravessar o existir dentro da PLAcENTasa. Tudo pode habitar esse espaço e é preciso aprender a re-Viver.

Ivete da Silva (RR) 🇧🇷
@ivete_ssilva
Bordado

A obra “A mocinha de Yaga” surgiu de temas autobiográficos relacionados ao corpo feminino e a memória. Esses são utilizados como fio condutor na procura das raízes daquilo que me constitui, entendendo minha identidade como mulher artista. Ao lidar com as fotos de infância, relacionando-as ao lugar que cresci e ao conto de Baba Yaga, vou brincando com o corpo que ora se esconde, ora é revelado debaixo da saia da mãe. O trabalho foi feito para ser manipulável, aproximando o observador e expondo aquilo que fica por trás dos panos. No trabalho, experimento diferentes materiais e técnicas (pintura, bordado e xerox), costurando metáforas para tratar de sentimentos tão recorrentes da vida adulta e cada vez mais evidenciados nessa época de isolamento.

Julia Bastos (SP) 🇧🇷

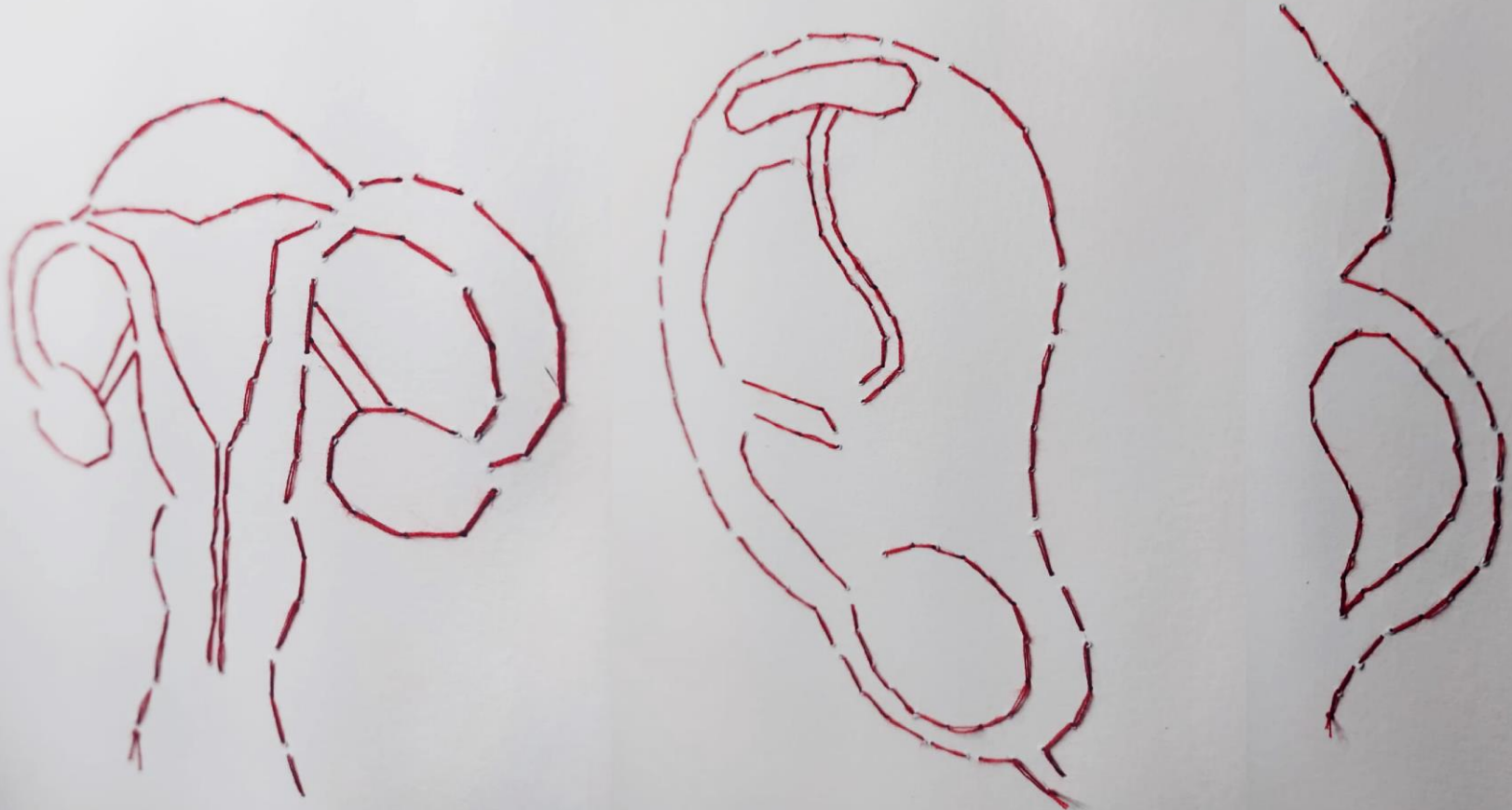
@juliasouzabastos

Técnica mista

(pintura, colagem e bordado)



FUI CASA



07/06/2020 inicia-se uma casa dentro de mim, que perdura até 26/03/2021, quando completa-se 41 semanas e 5 dias. A casa foi de Antônio, gerado, gestado e parido em meio a pandemia.

Fernanda de Oliveira (PR) 🇧🇷
Desenho - @fernandarop

Isabela de Faria (PR) 🇧🇷

@oqueaisafaria

Escrita Poética

Quando escuto

O lado de fora faz cada vez mais barulho
E seu barulho nos faz crer
que é mais barulho
o que devemos fazer
Cavar, cavar
Mexer, mexer
Cavar, cavar
Mexer, mexer
O lado de fora
é formidavelmente bruto
E quanto mais bruto o meio, mais forte o
homem que mais apanha
- que prêmio
Uma voz diz
há outra chance
uma voz diz
há uma chance
uma voz diz
a nova chance:
- dentro

HÁ TRÊS ANOS

VOCE

NÃO

TRABALHA

Juliana Medeiros (SP) 

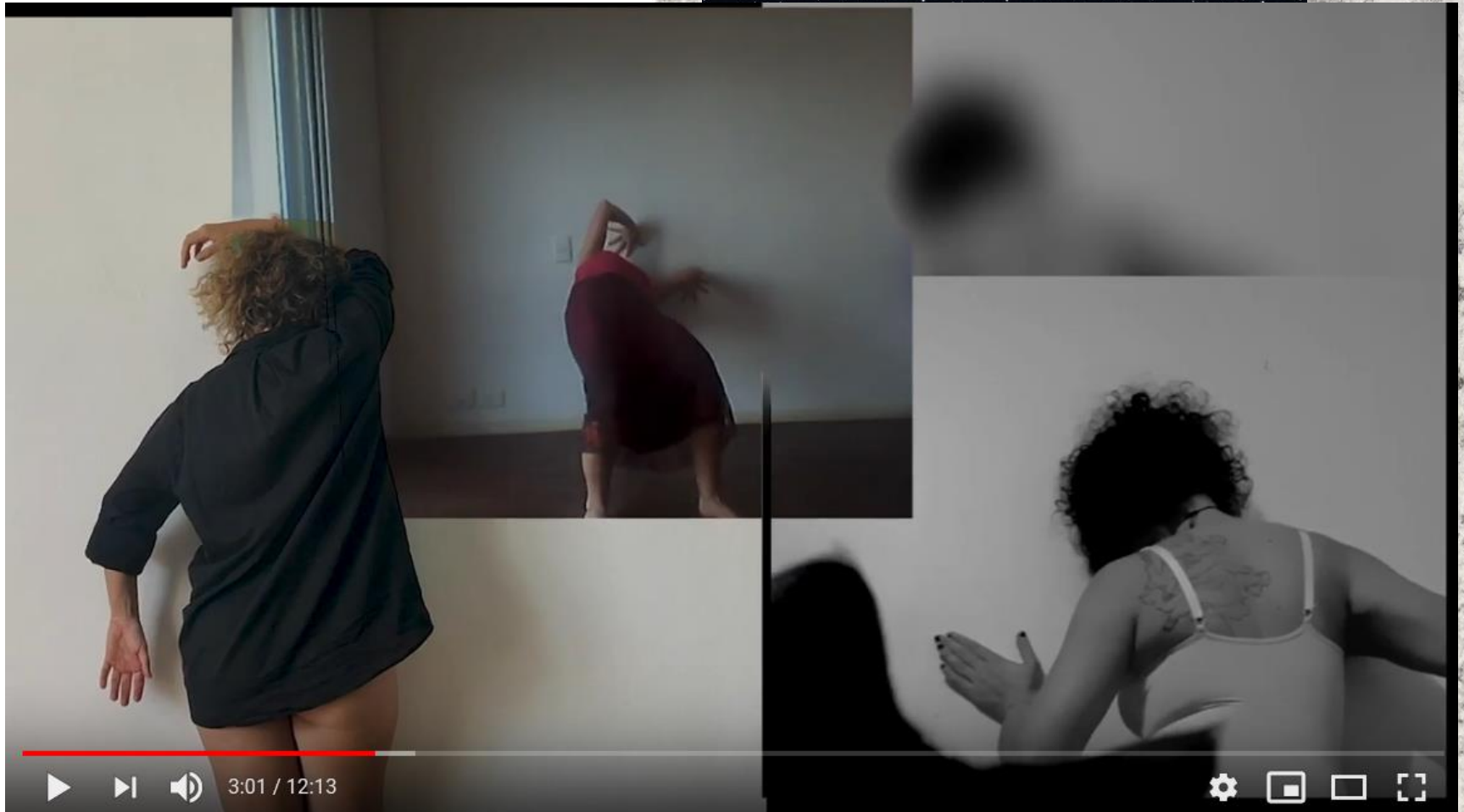
@porjulianamedeiros

@devaneios.volupia

Escrita Poética

As vizinhas

As vizinhas se encontram
num bate-papo suave
e, sem nenhum entrave,
colocam a fofoca em dia.
As risadas de alegria
cada uma em sua janela
deixam a louça na pia
deixam de lado os incômodos
para olharem só para elas
para serem só encontro
para se tornarem o instante.
Por poucos segundos
esquecem os filhos
a água no fogão
a roupa no sabão
e entram em seus mundos
com tanta empolgação
como os livros a serem lidos
em suas estantes.
E depois da suspensão no
tempo
da pausa para uma boa prosa
voltam ao cotidiano
D. Maria e D. Rosa
esquecidas ao vento
a esperarem seus maridos,
depois do único passatempo
naquele exato momento
em que se sentiam vivas
após anos, falecidas
enterradas em suas rotinas.



Coletiva Marcas D'Água (RJ) 🇧🇷

@marcasdagua

Videoarte



Leon Farhi Neto (TO) 🇧🇷



@_tst_tst_

Micrometragem-doc



Layne Pavão (TO) 🇧🇷
@espectaravida
Fotografia



Marcela Ferros (SP) 
Hanna Perez (Portugal) 
@sosnocurtametragem
Videarte



Guilherme Bergamini (MG) 
@guilhermebergamini
Fotografia

[Confinamento]

Se antes já não se viam
horizontes
[cegueira da vista citadina]
Se antes, desejos reprimidos
[sequela da vida capitalista]
Agora, vitrine única
De paisagem estática
[nem mesmo lapsos do submundo]
Emoldurada entre placas
metálicas
[rígidas, como as conjunturas]
Limitação metafórica
Do que se pode
[tão menos]
E do que se deve querer
[quase nada].

Marian Koshiba (SP) 

@marian.koshiba

Escrita Poética



Gabriela Matoso (BA) 

@cravocanela_gabriela
fotografia

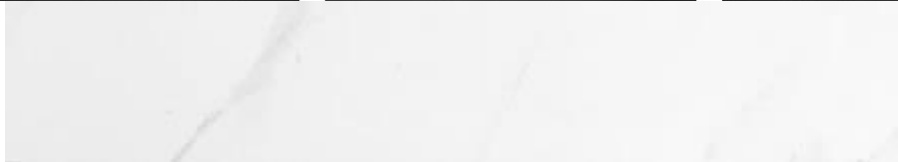
RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703 - Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021




Nicole Leite (SC) 
@nicoleleitef
Fotografia



Monique Burigo (SC) 🇧🇷
@moniqueburigo
Fotografia



RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703 - Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021

Paloma Ludueña (Argentina) 

@le.otre
Fotografia

Náthali Abatti (PR) 🇧🇷
Fotografia/performance
@nathaliabatti





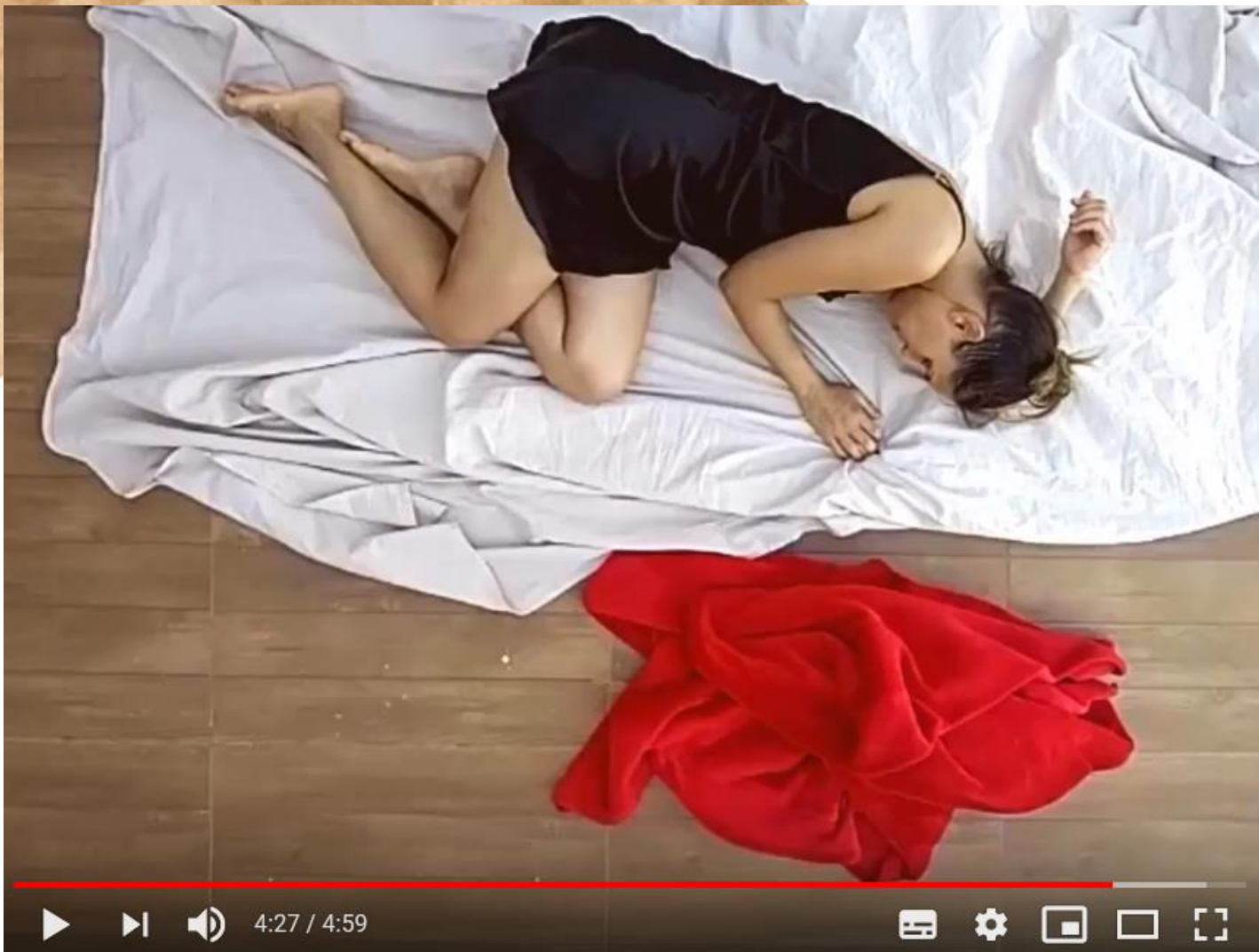
Mônica Lóss (EUA) 

@monicalossart

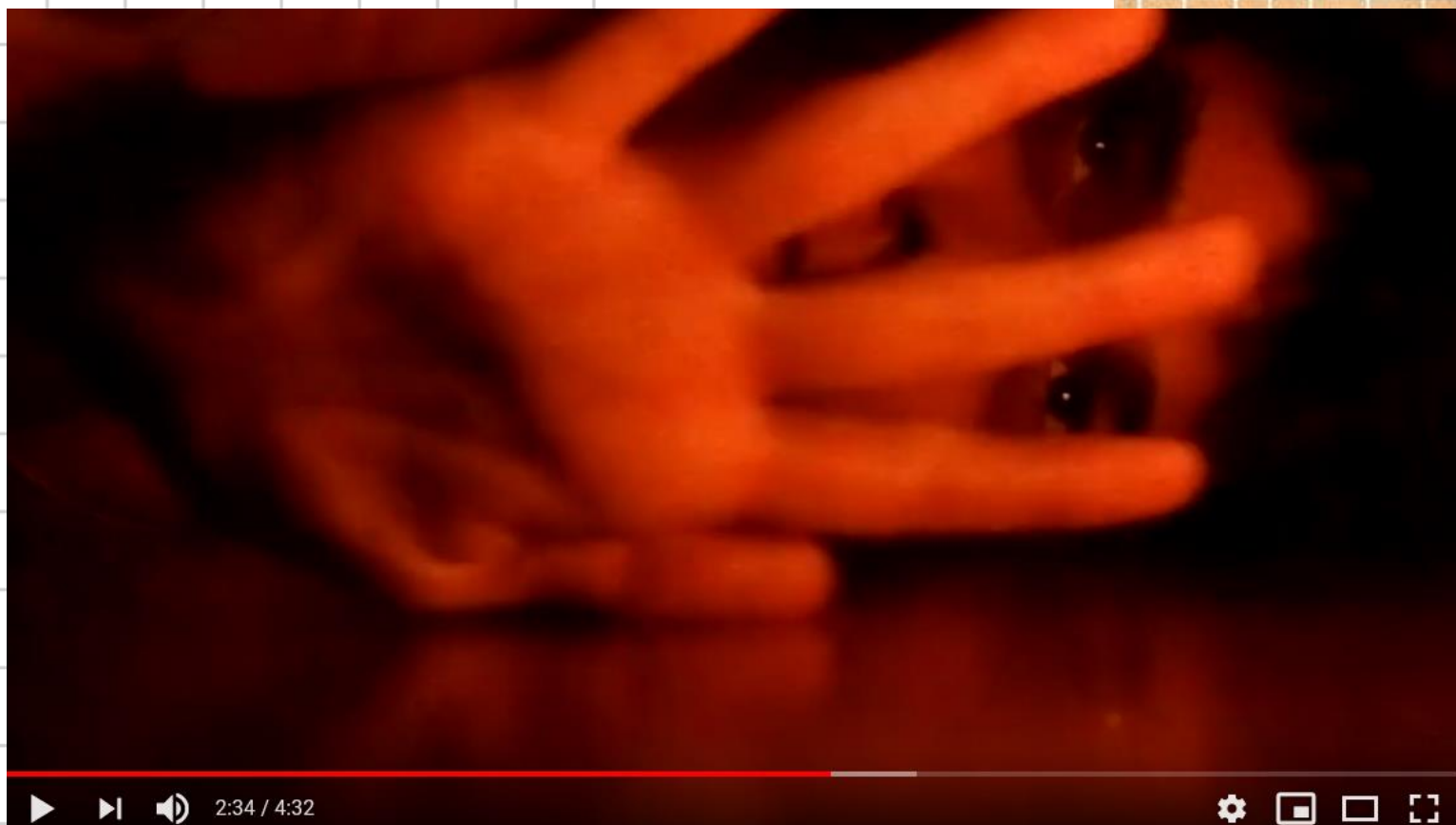
Objeto

RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703
Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021

O trabalho “Regalo I”, pertence a série “Do exterior não se vê os vazios”, em desenvolvimento e que exploro a construção de objetos em pequenos formatos a partir do embate pertencente entre o “dentro e o fora” das coisas. As peças desta série são feitas a partir da apropriação de materiais de descarte que pertencem ao cotidiano como embalagens de papel, maquiagem, caixas de acessórios ou de joias com formatos e procedências variadas, pertencentes a mim ou doadas por outras pessoas. Estas embalagens passam a ser “corpos” que recebem órgãos fictícios, desenhados em papel vegetal em que uso como referência, imagens de órgãos do sistema reprodutor feminino e, posteriormente, esses desenhos são bordados com linhas vermelhas. Estes papéis bordados são inseridos no interior das embalagens podendo ser colados nas superfícies ou então, imersos em algum tipo de, criando assim, um contraste entre um interior improvável em um corpo impossível e descartável. Uma incógnita que produz um “corpo sem órgãos” ou órgãos para um corpo que inesperado? O fora construindo o dentro ou o dentro determinando a natureza do fora?



Liu Moreira (TO) 🇧🇷
@liumoreira_
Videoarte

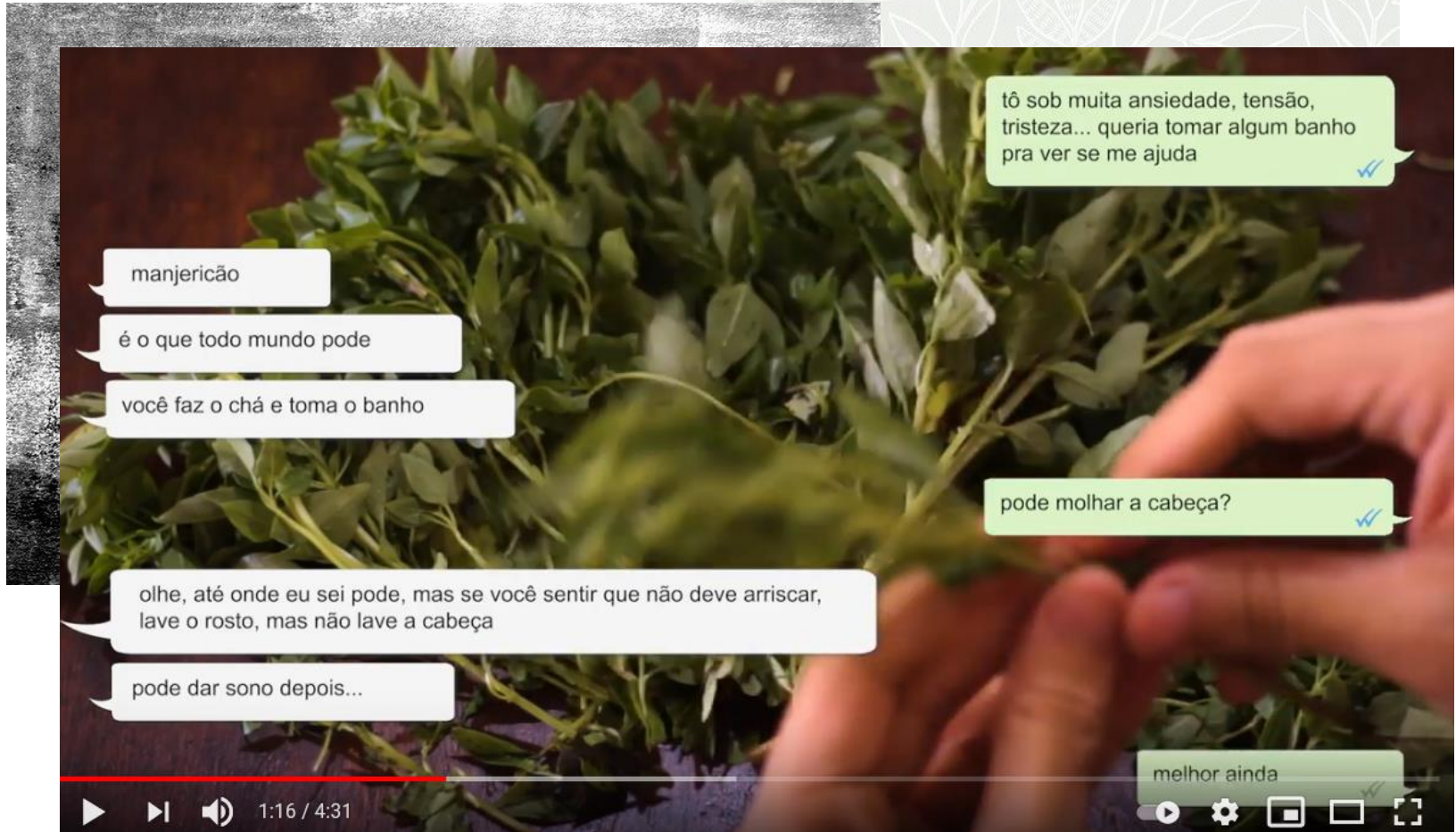


Monise Serpa (RS) 🇧🇷
@monise serpa
Performance



Julia Anastacia (BA) 

@ajuliaanastacia
Videoarte/colagem



manjeriçã

é o que todo mundo pode

você faz o chá e toma o banho

olhe, até onde eu sei pode, mas se você sentir que não deve arriscar, lave o rosto, mas não lave a cabeça

pode dar sono depois...

tô sob muita ansiedade, tensão, tristeza... queria tomar algum banho pra ver se me ajuda

pode molhar a cabeça?

melhor ainda



Mauricio Igor (PA) 🇧🇷

@mauricioigor

Videoarte



Nayara Leite (MG) 🇧🇷

@nayaraleite.nl

Videoarte

Eva ou (poema em prosa noturno) ou (aforismo filosófico onírico). Os cabelos dela grandes, grossos de um jeito surrealista, crespos e loiros. Um foco de luz nas ruas escuras do centro. Caminhava com pressa e firmeza, carregando a criança nos braços. O som dos saltos no asfalto. O estado de calamidade pública decretado há quinze dias. Uma única notícia lera nas últimas vinte e quatro horas: um conjunto de sismógrafos declaravam que a Terra estava mais silenciosa devido à drástica diminuição dos ruídos sísmicos antropogênicos. Dobrou à esquerda e começou a descer a ladeira andando pelo meio da rua. O calor do fim de março ainda dava madrugadas quentes, mesmo assim, a criança estava coberta. Ouviu os latidos dos cães fazer eco pelas paredes velhas do centro. As calçadas sujas do centro. As lixeiras transbordando e o cheiro podre do centro de uma cidade brasileira do século XXI. Assim que ouviu os latidos, ela soube que eram os cães-andróides, mas os ouviu distantes e imaginou que, com sorte, não cruzaria com eles. Quando chegou no ponto mais baixo da ladeira, à esquerda, na praça, já pode ver a grande quantidade de pessoas, em sua maioria atiradas ao chão, sem forças, mas, também, sem espanto com a própria fraqueza. Em geral eram famílias de quatro a cinco integrantes, mas também casais. Poucos estavam sozinhos. Não havia animais. No centro da praça, um grande elevador. Um elevador sem prédio, apenas concreto instalado no meio da praça. As portas abertas, as luzes internas acesas. Sem perceber, ela aperta a criança nos braços com mais firmeza e sua condição de protetora lhe dá força. Atravessa a grande avenida deserta de carros que a separa da praça com passos longos e rápidos, não olha para as pessoas no chão. Ela entra na praça, asfalto e terra. O corpo anseia, os olhos não olham para nada que não seja o interior do elevador. O latido dos cães selvagens sequer lhe preocupa, ainda que os ouça cada vez mais perto. Entra no elevador - caberiam três macas nele, ou três caixões. O interior é espelhado, espelhos semiobscurecidos. Distrai-se com as múltiplas imagens de si, em nenhuma delas consegue enxergar seu rosto. Lembra-se de que é preciso ir. Há um único botão. Preto. Letras brancas. SUB-S. Dois homens entram. Vestidos de maneira idêntica. Macacões cinzas. Óculos escuros. São andróides. Um deles toca, com um dedo, a frágil cabeça da criança e a cabeça derrete instantaneamente. A cabeça da criança derrete como fosse uma gosma metálica da mesma cor do elevador e a mulher deixa o corpo do bebê cair ao chão.

Acordo.

A casa.

Ermo de mim mesmo.

Os sonhos, os livros, o silêncio.

As memórias ocultas da infância, as feridas abertas, os medos ativos. Caminho na direção de um universo invisível. Estou autorizado a cerrar as portas e as janelas. Assumir que todo aquele burburinho e aquele blá-blá-blá me irritavam profundamente. Sonho com Eva e com a Ofélia do quadro de Millais, momentos antes de se afogar no rio, quando ainda mantém a cabeça para fora d'água, mas já carrega nos olhos a vivência do encontro com a morte. Símbolos da transformação. Ando por nossa biblioteca e no final da introdução do livro quinto da extensa enciclopédia da alma, uma palavra. Metanoia. Uma questão matemática e psíquica. Caso 70 seja um bom número de anos para uma vida, o lugar onde estamos aos 35 é a metade do caminho. Um homem do século XIX, no século XX, C. G. Jung, propôs que aos trinta e cinco anos o espaço da metanoia é onde nos deixamos morrer para que a vida continue, mas não da mesma forma. Um espaço de introversão se instaura, travessia indispensável à renovação psicológica e também alguma coisa só para loucos num mundo contaminado por euforia tóxica e pânico compartilhados. Jung tinha trinta e cinco anos quando escreveu este livro, eu tenho trinta e cinco anos quando o leio. Tomo suas palavras como lei, como o modo de existência que vai me conduzir pelo tempo em suspensão. Deixar-se morrer. Deixar-se morrer em meio há tantas mortes. Deixar-se morrer no século XXI, um século obcecado por juventude e hipnotizado pela superfície triste das telas do capitalismo midiático-imagético. Tal qual Winston Smith dou às costas ao Grande Irmão e escrevo e leio e sonho e dou atenção aos sonhos. Quando tenho de ir à cidade e vejo o movimento frenético dos carros e pessoas, imagino que mesmo que um asteroide estivesse a um mês deste ínfimo planeta, todos continuariam dançando a dança nefasta da civilização. Mas quem sou eu para julgar? Vou estar escrevendo e lendo no último dia do mundo e em algum momento me despedirei das palavras para morrer no teu abraço.

Casa-túmulo.

Ermo de mim mesmo.

Cerimônia.

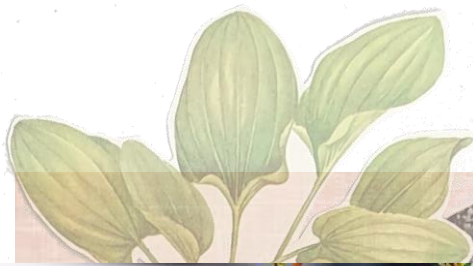
Ritual.

Casulo



Tiago de Moraes (RS) 
@mon.ge
Escrita poética





A palavra do vento (Consuelo de Paula)

o vento queria falar / voava forte em meus
ouvidos / é difícil entender a palavra do
vento / ela vem junto com sopros, uivos,
sussurros ou gritos / eu caminhava
lentamente / no pátio do prédio onde moro
/ ao ar livre / e é só dessa maneira que
consigo andar ultimamente / devagar /
passo a passo / ele, um jovem a me
ultrapassar / olhei para o pequeno jardim
nos fundos do edifício / vi um pé de romã
carregado de frutas maduras / nunca havia
percebido a sua presença / chorei / de
repente, em meio à pandemia / a cidade
que eu não reconhecia / já não era tão
estranha / havia também um pé de laranja
/ uma rosa branca / e florzinhas roxas /
desejei a fruta rosada / desci para o andar
que dá acesso ao jardim / o portão estava
trancado / mas, voltei contente pro meu
apartamento / pensei em quem plantou
essa árvore / nunca foi tão bom desejar
aquelas sementinhas vermelhas / e não
prová-las / saber que moram comigo / as
árvores continuam generosas / a terra é de
todos nós / queiram ou não os que se
acham poderosos / quem sabe começemos
a plantar frutas por toda a cidade / pelas
estradas / é urgente / a terra, os rios, os
mares, as sementes são de todos



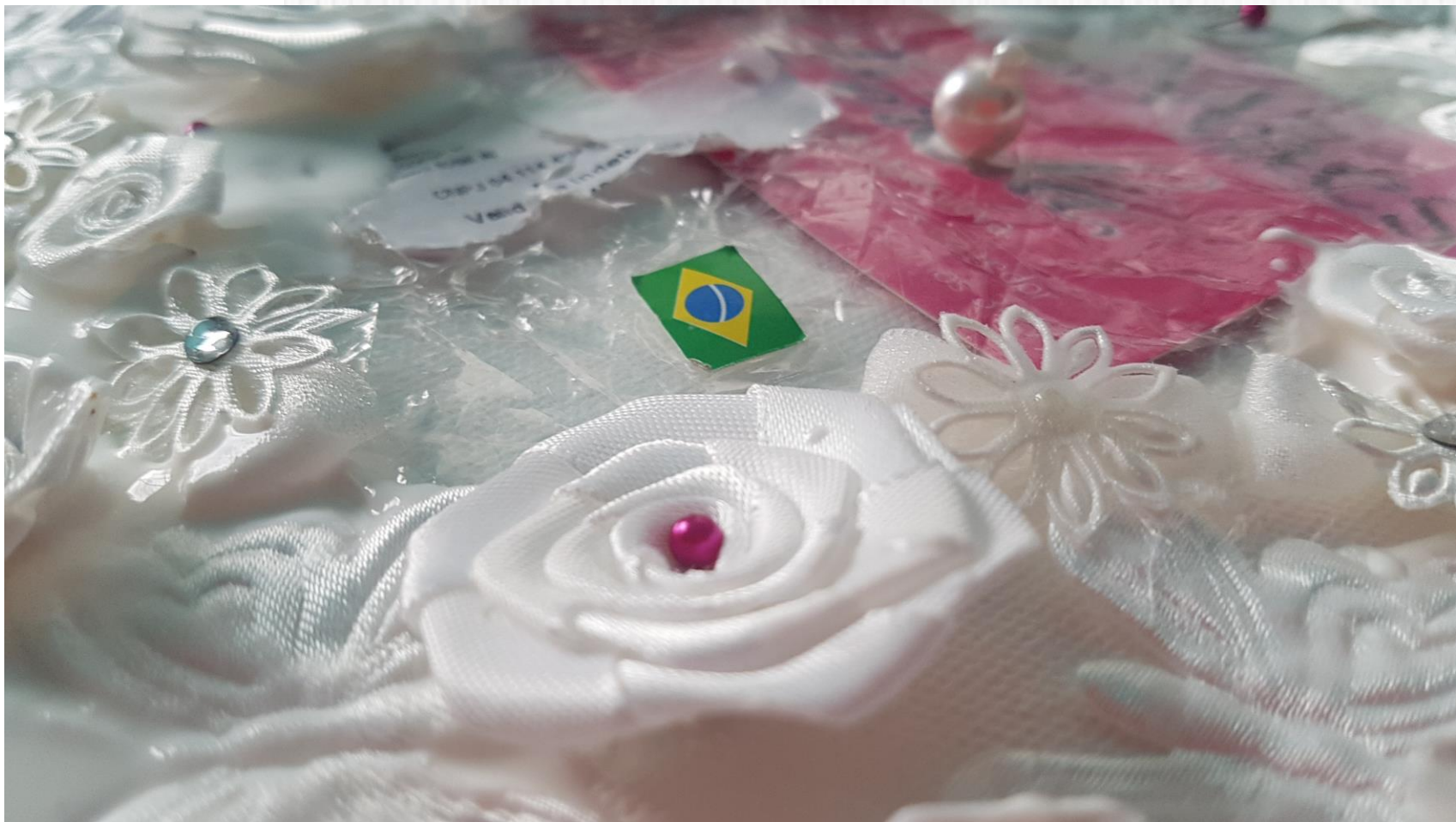
da série fotografia e poema, movimentos . fotografia: f.cabral

Consuelo de Paula (SP) 🇧🇷


@consuelodepaula


Fatima Cabral (SP) 🇧🇷

Fotografia e Poema



Des(mãe) é uma espécie de sátira. Um trabalho que pensa o kitsch e seus clichês. Trata-se de uma única superfície de 20 x 20 cm, na qual diversos fragmentos são colados a fim de (des)articular signos relativos a uma feminilidade estereotipada ao que surge como “bela, recatada e do lar” no Brasil. Os materiais em predomínio do branco e com elementos de rosa, envolvem etiquetas, códigos de barra, palavras que geram problematizações, palavras que não estão a venda, mas que nos liquidam: SALE. Decoração de vestidos de noiva em forma de flores e borboletas, a fantasia de uma “moda cristã e executiva”, a pérola, imagem da “beleza” na adversidade, a bandeira brasileira, todos esses elementos aludem a signos que problematizam a tomada de poder por facções ideológicas simplistas, que enaltecem e obscurecem símbolos arraigados e em tensão. Desmamem.

Paola Zordan (RS) 
@pazordan
Fotografia performática
com assemblagens e
bricolagens

Silvina Baz (Argentina) 

@bazsilvina

gravura

RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703

Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021





Geyslany Ribero (TO) 🇧🇷
@geyslany_ribeiro
Videoarte

Uma forma de canalizar a ansiedade e a expectativa, mas, principalmente, de contemplar o contexto da pandemia com as desigualdades socioespaciais brasileiras, as quais evidenciaram ainda mais a violação do direito à cidade. Uma forma de acreditar, ter esperança por dias melhores em 2021.



Fernando Pires (RS) 🇧🇷
@fernandopires_viaggio
Objeto



Kian Shaikhzadeh (BA) 

@kian_shaikhzadeh

Fotografia



Raquel Gandra (RJ) 🇧🇷
@hiperativa
Vídeoarte



Yohana Oizumi (SP) 🇧🇷

@yoh._.art

Fotografia

RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703 - Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021

Suspensão

Dia desses esqueci minha idade
E gostei da sensação de suspensão que isso me deu
Longos segundos de letargia
queria que tivessem durado mais
Queria me suspender voluntariamente, por conta própria
Ou acompanhada
amarrada, marcada, abusada
sem ar
Esquecer idade
e nome e gênero e orientação sexual
Esquecer os quase quatro mil mortos conterrâneos
por dia
Esquecer a chave, o gás aberto
Esquecer de regar as plantas ou de colocar o lixo pra fora
Esquecer a máscara em casa
sem voltar correndo ou comprar mais uma pra coleção ou
amarrar um casaco suado na cara
Esquecer de comer um pão amanhecido vendo o jornal
com um café amargo e gráficos crescentes
Esquecer de pegar o metrô sem encostar na barra
Esquecer o álcool em gel
Queria me exercitar sem sentir nojo de mim
Sem levantar o saco de açúcar
e o peso da consciência
Pensando naqueles para quem falta o feijão
o leito
o oxigênio
Queria foder
Com medo apenas de vírus barráveis pelo látex
saboreando fluidos e mucosas
Queria conversar olhando nos lábios
e não só nos olhos
Uma prosa sem máscara é a nova trepada sem camisinha
Queria parar no meio de uma avenida movimentada
Depois das oito da noite
e respirar fundo
Suspensa
Em silêncio
por 1 minuto

Victória Andrade (SP) 🇧🇷

@andrarte.de.vic

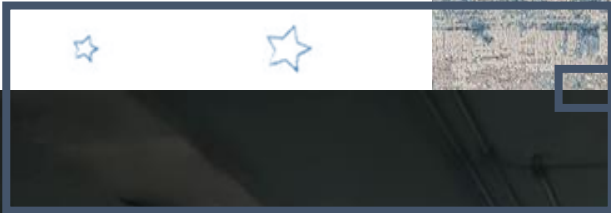
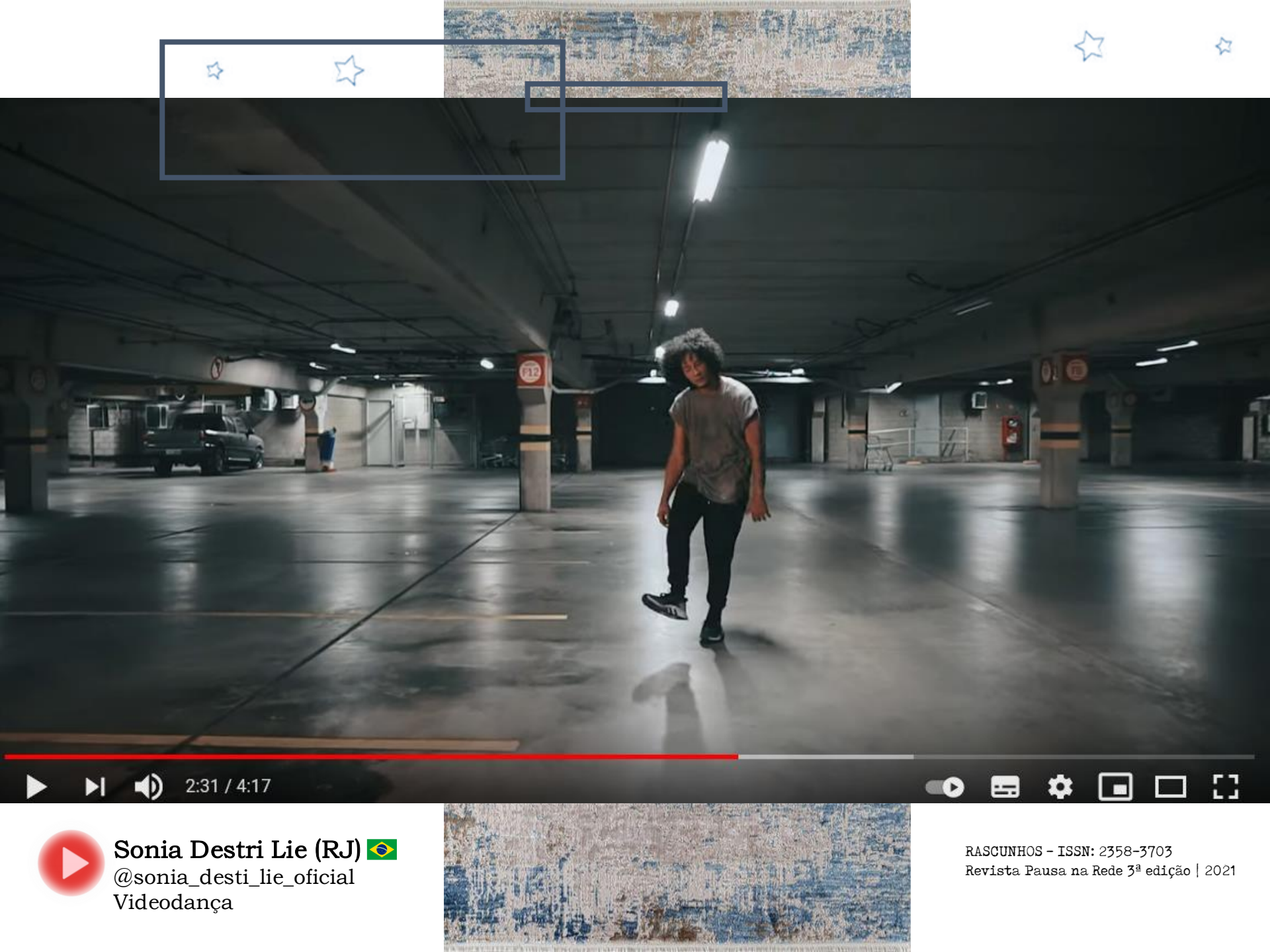
Escrita poética



Vitoria Verri Heart (PR) 🇧🇷
@vitoriaverri.heart
videoarte e pintura



 **Rafa dos Santos (SP)** 
@rafaelsantxs
Videoarte



▶ ⏪ 🔊 2:31 / 4:17



Sonia Destri Lie (RJ) 🇧🇷
@sonia_desti_lie_oficial
Videodança

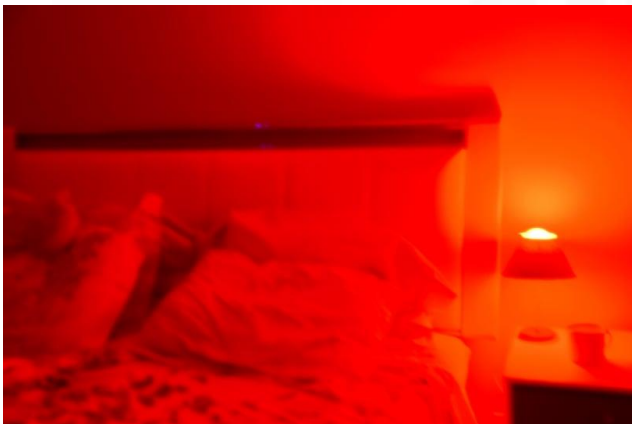


RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703
Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021



The Wss (PE) 🇧🇷
@eu.thewss
Fotografia

RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703
Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021



RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703 - Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021

Amanda Leite (TO) 🇧🇷
@amandamleite
Fotografia

No canto das conchas

Quando a filha nasceu, deu-lhe de presente uma concha. Herança que as mães daquele vilarejo passavam às filhas. Com esse gesto, a mãe estava dizendo à filha pequena: “esta é a chave. Eu tenho concha. Suas tias têm conchas. Sua avó tem concha. Todas as que vieram antes de nós. Assim, celebramos tua chegada.”

A menina ia crescendo em graça e inteligência e, de vez em quando, a mãe se detinha a espiar a filha no berço, em pura contemplação à dança da concha dependurada no móbile. Às vezes, afastava-se contrariada, mas sabia que era preciso.

Algum tempo passou, até que, certa manhã, a menina acordou, vestiu-se de sol e saiu em busca do mundo no fundo da concha. Colocou-a no ouvido. Ouvia uma canção vinda das profundezas. Com a ponta dos dedos, leu cada desenho impresso na carapaça protetora, tentando imaginar quem a teria habitado. Assim, descobriu que a casa é a nascente do corpo. Colheu no ar um certo odor, que desconfiava ser de coisa viva, e mergulhou para a escuridão de dentro. Quando tentou ficar em pé, já não sentia o comando das pernas e tateava as paredes. Decidida, seguiu em frente, mesmo sem saber onde ia dar o corredor. O vestido foi o primeiro a entardecer.

Deteve-se na primeira porta, por chamar-lhe a atenção uma voz de mulher em tom de lamento:

- Parece que tens uma pedra no peito. Não sei a quem foste sair. Parece que és feito gelo.

Algumas mães esquecem que dentro de blocos de gelo também pode fazer calor. Foi pensando assim que se viu de olho grudado à maçaneta da porta. O formato era-lhe familiar. Lembrou-se de quando catava uma a uma, feitas de macarrão, enquanto a sopa esfriava no prato largado à mesa.

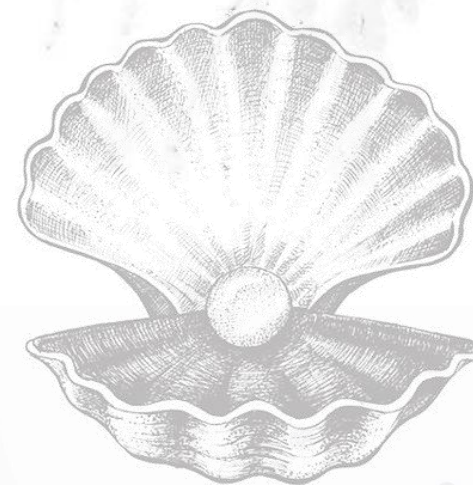
Ficou assustada quando aquela voz de mulher se alterou:

- Estás me ouvindo, Potássio?

Então, Potássio era seu nome! Seu coração desandou a bater como se fosse saltar pela boca. Foi nessa confusão que se perdeu. Quando deu por si, já estava do outro lado da porta, admirando a paisagem e a estender-lhe a mão.

Tinha três filhos e uma filha, quando certa manhã, despertou e exigiu um colchão de ar. Os vinte colchões e os vinte acolchoados de plumas não mais adiantavam. Dentro dela, existiam anos que não dormiram.

Mas, à menina, a mãe também a concha lhe dera.



Roselete Fagundes de Aviz (SC) 

@roseaviz

Escrita Poética

Alik Wunder (SP) 🇧🇷
@alikhwunder
Fotografia Digital





Gesto: Poéticas da criação (TO) 🇧🇷



RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703
Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021



Anike Laurita (SP)

@anikelaurita

Técnica Mista

(madeira, papel, pedra, tinta e acrílico)


18 x 12 x 8,5cm

Baubo é uma pequena deusa, pouco conhecida, que tem sido redescoberta por seu valor simbólico. Considerada a deusa do riso e do erotismo, encontramos recorrência de histórias que citam essa personagem em diversas culturas. A mais conhecida, de origem grega, perpassa o mito de Deméter tentando resgatar sua filha Perséfone do reino de Hades. Baubo cura a depressão e o desespero de Deméter mostrando sua vulva e dançando de forma engraçada, trazendo o riso feminino como potência de cura. Os atuais movimentos feministas e o resgate de tradições ligadas ao feminino sagrado e a ancestralidade fazem reaparecer Baubo representando o arquétipo da sábia e generosa mulher que fortalece as outras através de um riso e erotismo mítico, signos de renascimento carregados de vitalidade. Essa obra, surge no contexto de uma pesquisa que venho desenvolvendo sobre esse tema e seus desdobramentos na contemporaneidade.



Davina Marques (SP) 
davina.ifsp@gmail.com
Audiovisual



Maira Zenun (Portugal) 

@maimaizenun

Videarte




01:00



Sebastian Wiedemann (Colômbia) 
@swiedemannfilms
Audiovisual

RASCUNHOS - ISSN: 2358-3703
Revista Pausa na Rede 3ª edição | 2021



Leda Guimarães (GO) 
@ledamariadebarrosgui
Desenho

Edson Meirelles (RJ) 
edson.meirelles@gmail.com
Fotografia



Lembrando Gabriel García Márquez, fala-se aqui de arte, fala-se de amor, de sensações em tempos de espera.

Uma arte especial, uma arte em tempos de cólera. Esta, para mim, distinta daquela do escritor colombiano, tem acepção de sentimento de violenta oposição contra aquilo que nos molesta, um furor contra o que nos aniquila. Há motivos para oposição. Mas eis que, em tempos de urgência, em tempos de indignação, entre pandemias, lágrimas, cansaços e dissabores tantos, surge o chamado para um retorno à casa-mundo e esta publicação nos traz uma multiplicidade de (im)pressões respostas possíveis.

Tudo o que nos instigava ao movimento alegre-triste sofreu uma pausa temporária e inventiva, e passa agora, com a revista acabada, a nos reconectar com a força das obras, ora atravessadas por dores, ora com a presentificação de um viver comum, entre choques e singularidades, entre bordados e janelas, a entre-ver o ainda não visto, por dentro, nas superfícies, na pele e nos nossos entornos, entre pensares e pesquisares artistas.

Então, fala-se também de amor e/ou daquilo que nos emociona nestes tempos de intervalos, no entre. Afetos des-dobram-se nas imagens, palavras e filmes. Sentimentos ligados às especificidades subjetivas do habitar, do cotidiano, da intimidade, vêm mexer conosco, no através. Sensibilidades de várias ordens, provocadas pela pandemia, despertam-se e vêm nos provocar, quiçá nos convocar e...

Ah!...


Celebremos o protagonismo da gente da Casa Clic e da Universidade Federal do Tocantins no convite para esta composição.

Celebremos a beleza desta revista instalação coletiva. Principalmente para lembrar que nossas mentes, mesmo isoladas, pulsam, contínua e criativamente: “[...] é a vida, mais que a morte, a que não tem limites.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1995, p. 429)

Ah! Então... Alegrias!?!... Ainda que em tempos de cólera...?

Há.

**isolada(mente)(s)
em rede
em pausa
em revista***



Referência
GARCÍA MÁRQUEZ,
Gabriel. **O amor
nos tempos do
cólera.** Tradução
Antonio Callado.
15. ed. Rio de
Janeiro: Record,
1995.

Posfácio

Davina Marques (SP) 
davina.ifsp@gmail.com

Casa-mundo

impressões artísticas em

tempos

de urgência





Realização

@casa_clic

Produzindo experiências artísticas do nosso quintal para o mundo!





Organização



COLETIVO 50 GRAUS
Pesquisa e Prática Fotográfica

MALT

Memória, Arte e Alteridade



RASTROS

VISUALIDADES, IMAGINÁRIOS E
TEATRALIDADES NA CENA



Gesto:

Poéticas da Criação



Parceria:

[R]ascunhos

Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas



Apoio:

